

CARLOS FALCÃO DE MATOS

# CARMAS E REENCARNAÇÃO A LEI DE CAUSA E EFEITO

NAScer, MORRER, RENAScer, AINDA  
E PROGREDIR SEMPRE, TAL É A LEI.

*(ALLAN KARDEC)*



A LUZ DO SER  
edições



**CARMAS E**  
**REENCARNAÇÃO**  
**A Lei de Causa e Efeito**

**Título:**

Carmas e Reencarnações

**Autor:**

Carlos Falcão de Matos

**Editora:**

A Luz do Ser, edições

**Direitos reservados:**

© A Luz do Ser

**ISBN:**

978-65-00-23032-1

Proibida a reprodução ou duplicação desta obra, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (mecânico, eletrônico, fotocópia, gravação, distribuição na Web, etc.), sem prévia permissão escrita da editora.

**Carlos Falcão de Matos**

**CARMAS E**

**REENCARNAÇÕES**

**A Lei de Causa e Efeito**





*Ao Criador, nosso amado Deus, com  
infinita gratidão pela sua benevolência.  
Aos nossos Anjos e Guias espirituais,  
pela sua proteção e valiosos conselhos.  
À minha amada esposa, Cleonice Matos,  
musa inspiradora e alma gêmea, pelo  
seu amor, companheirismo e incentivo.*



# Índice

[Introdução](#)

[Sobre o autor](#)

[A Reencarnação](#)

[Oportunidades iguais](#)

[O planejamento reencarnatório](#)

[É aqui que se aprende](#)

[Ressurreição ou reencarnação?](#)

[A reencarnação na igreja primitiva](#)

[A reencarnação na Antiguidade](#)

[A reencarnação na Bíblia](#)

[Os cristãos e a reencarnação](#)

[A maioria da humanidade acredita na reencarnação](#)

[A Ciência e a reencarnação](#)

[O despertar do espiritismo](#)

[Crianças com memórias de vidas passadas](#)

[A morte: um ato de libertação](#)

[Experiências de quase-morte](#)

[Terapias de vidas passadas](#)

[Os sempre céticos...](#)

Uma Ciência mais espiritualizada

Os Carmas

Dívidas cármicas

Temos memórias cármicas?

Os mortos não dormem...

A força do perdão

Todo o delito é cobrado

Reencarnar por amor

Resgatar todos os carmas

Vidas cruzadas

[Espíritos simpáticos](#)

[Almas gêmeas](#)

[Curas milagrosas](#)

[O livre-arbítrio](#)

[LIVROS](#)

[Bibliografia dos três volumes](#)





# Introdução

Os três volumes que compõem esta trilogia publicada inicialmente num único volume com o título *A Evolução do Ser Espiritual* e que assinei com o pseudônimo de Alexandre Mattos, oferecem uma visão global dos múltiplos mistérios que fazem parte do nosso ser espiritual e dos planos invisíveis que nos permeiam, sem dogmas nem preconceitos religiosos, numa linguagem de fácil entendimento e, sempre que necessário, apoiada por abundante e útil informação em notas de rodapé.

O primeiro volume - *Carmas e Encarnações* - procura explicar o que são os carmas, como ocorrem e como nos ressarcimos desses débitos espirituais ao longo da caminhada evolutiva da nossa alma. A reencarnação, como processo depurativo do espírito, é tratada de forma exaustiva, com muita informação e exemplos, frequentemente enriquecida com pequenos textos de conhecidos teólogos, cientistas e investigadores.

O segundo volume - *Mediunidade e Fenômenos Paranormais* - debruça-se sobre os mecanismos da mediunidade e do animismo, com particular ênfase da importância da pineal como órgão biológico da espiritualidade, assim como das características e importância dos chakras e da complexa rede de nadis que rodeiam o duplo etérico. Mais de cinquenta fenômenos paranormais - anímicos e mediúnicos - são amplamente explanados nesta obra.

O terceiro volume - *Seres e Mundos Espirituais* - inicia-se sobre o que são os corpos sutis e a aura, como resultado das vibrações energéticas emanadas por esses corpos. O Universo físico e extrafísico é visto sob a visão

setenária que engloba sete planos vibratórios. Descrevem-se os seres e mundos que habitam nesses orbes, desde os níveis mais baixos do Astral, aos mais elevados e sublimes e, naturalmente, à eterna luta entre o Bem e o Mal.



## ***Sobre o autor***

*Carlos Falcão de Matos foi editor de livros didáticos, paradidáticos e infantis, entre outras publicações e coautor de manuais escolares de ciências naturais. Também foi autor de livros infanto-juvenis, destacando-se a agenda pedagógica A MINHA AGENDA, com desenhos de Zé Manel e parceria comercial com a RTC/RTP (Rádio Televisão Portuguesa). Essa publicação foi durante onze anos uma importante referência editorial devido ao seu sucesso junto dos jovens (e menos jovens) leitores.*

*Na sua longa carreira profissional de mais de três décadas como editor, o autor fez parte de prestigiadas editoras portuguesas, como a PLÁTANO EDITORA, de que foi sócio fundador em 1972 e diretor de produção. Em 1975 foi sócio, administrador e diretor-geral da DIDÁTICA EDITORA, empresa fundada em 1944 por três sócios, entre os quais o seu avô, o insigne professor e autor didático Alves de Moura.*

*Em 1979 fundou a EDITORIAL O LIVRO, uma empresa pioneira em muitos projetos didáticos inovadores e que alcançou uma invejável posição no mercado do livro escolar. Nessa época foi igualmente diretor da revista pedagógico-recreativa A TURMA X com cento e vinte mil assinantes, constituídos na sua maioria por alunos e professores das escolas do ensino médio.*

*A residir no Brasil desde 2005, o autor tem-se dedicado à fotografia de Natureza e à escrita de livros sobre o meio ambiente e a vida animal. Os fenômenos paranormais e outras manifestações das esferas espirituais têm*

*sido, também, motivo de estudo e reflexão por parte do autor que sempre se sentiu atraído por um tema que tem tanto de fascinante, quanto de misterioso e transcendente.*

*Já radicado em terras brasileiras, o autor foi convidado a realizar alguns trabalhos no estrangeiro, nomeadamente em Angola e Moçambique, com reportagens fotográficas de regiões do interior, do litoral e de centros urbanos, para recolha de material iconográfico e conteúdos didáticos destinados a manuais escolares adotados nesses países.*



# A Reencarnação

## ❧ Capítulo I ❧

*Reencarnarmos quando regressamos à vida terrena com um novo corpo – tal como uma Fénix <sup>1</sup> que renasce das cinzas –, mas agora mais preparados para iniciar um novo projeto de vida.*

*Na verdade, somos seres imortais, porque a alma é eterna, mas o espírito retorna ao mundo físico para crescer e aprimorar-se, corrigir erros passados, cumprir tarefas, tomar decisões – certas ou erradas – e aprender as muitas lições que irá receber na escola da vida, de forma a ganhar progresso espiritual e procurar ter vidas futuras mais felizes.*

Algumas lições são fáceis de aprender e proporcionam uma existência mais tranquila, como viver em paz e harmonia connosco e com os outros. Outras lições requerem mais aprendizagem, que poderá ser lenta e gradual, pois tudo se processa como a água de uma nascente que, antes de ser límpida e refrescante, passou por intensa lavagem nas entranhas da terra.

Assim será connosco um dia, quando aprendermos todas as lições que o regresso ao mundo físico nos proporciona, até nos convertermos num espírito puro, expurgados do mal e da ignorância e, finalmente, libertos dos ciclos reencarnatórios.



## Oportunidades iguais

A existência do Céu e do Inferno como destino final das almas – num gozo eterno para uns e numa expiação sem salvação para outros – é uma visão deprimente e desprovida de bom senso.

Vejam, seria justo que Deus, na sua infinita bondade, condenasse perpetuamente um filho às labaredas do Inferno por este se ter desviado dos caminhos da virtude e da fé, simplesmente por ter nascido num meio familiar sórdido, em que as referências que colheu desde tenra idade foram a marginalidade, a miséria e a imoralidade?

E, em contrapartida, faria algum sentido existir outra alma que ascendesse aos Céus, depois de uma vida reta e tranquila, apenas porque teve o privilégio de viver no seio de uns pais maravilhosos que lhe deram amor, educação e bons exemplos de convívio familiar e social?

Que diríamos, então, de um irmão que nascesse diminuído fisicamente e que levasse uma vida virtuosa, mas infeliz na sua invalidez e totalmente dependente dos outros? Ganhava o Céu, naturalmente, não pela sua incapacidade física, mas devido à integridade do seu carácter.

E um outro, identicamente digno, que nascesse saudável e tivesse levado uma existência feliz e despreocupada? Também o Céu lhe estava garantido, porque tinha tido igual merecimento. No entanto, enquanto este último havia usufruído de uma vida privilegiada, o outro, provavelmente, tão boas recordações poderia não levar na hora do desencarne...

Por outro lado, seria razoável admitir que o destino de toda a humanidade fosse pré-definido, para que nascessem e coexistissem num mesmo lugar, homens sãos e outros doentes, uns bons e outros maus, alguns inteligentes e outros estúpidos... como resultado de uma programação insensata, esvaída de quaisquer critérios de avaliação moral?

Ou será que a vida de cada um de nós, sendo boa, razoável ou má é obra do acaso, como defendem os materialistas? Se assim fosse, então, tudo isto seria um jogo, uma espécie de lotaria em que haveria irmãos com mais “sorte”, outros com mais “azar” e outros “assim-assim”, para não falarmos dos “super-sortudos” ou dos “super-azarentos”!

Reconheçamos, seria verdadeiramente absurdo admitir qualquer uma destas hipóteses, pois a obra do Criador é sumamente perfeita e nada é feito ao acaso! Como referiu Einstein, num contexto porventura diferente, mas deveras adequado a este assunto: “Deus não joga aos dados”.

Então, reencarnamos para termos uma nova oportunidade de resgate e evolução, quando falhamos ou não cumprimos totalmente os propósitos que anteriormente nos trouxeram ao plano físico.



## O planejamento reencarnatório

As reencarnações e os carmas<sup>2</sup> – entendidos como consequência das nossas ações – estão intimamente ligadas entre si, pelo que é por força destes últimos que o espírito reencarna. Essa relação termina quando deixa de haver matéria cármica devedora, ficando o espírito desobrigado de regressar à vida terrena.

Na maioria das reencarnações, os responsáveis pelo planejamento reencarnatório, um órgão constituído por espíritos de elevada hierarquia espiritual, ajustam com o futuro encarnado novos planos de vida, que lhe irão proporcionar oportunidades de resgate cármico – reparação de erros de vidas anteriores – e de crescimento moral e intelectual.

Tudo decorre como uma espécie de “negociação amigável”, pois essas bondosas entidades apenas pretendem que o reencarnante tenha sucesso nos propósitos da sua nova existência ao renascer num novo corpo físico.

Outros planos reencarnatórios, porém, processam-se de modo diferente, consoante o contexto e a situação cármica do desencarnado, podendo mencionar-se como exemplos extremos:

– Os espíritos missionários que reencarnam voluntariamente para cumprir trabalhos ou missões de grande importância para a humanidade.

– Os espíritos rebeldes, profundamente atrasados e devedores cármicos contumazes, que são reencarnados compulsivamente.

Na obra “Missionários da Luz <sup>3</sup>”, psicografada por Chico Xavier<sup>4</sup>, o Espírito Alexandre acompanha o Espírito André Luiz numa digressão no plano astral onde existe uma colônia de planejamento reencarnatório. Nessa colônia não há modelos padronizados nos sistemas de reencarnação, pois «a reencarnação é o curso repetido de lições necessárias (...) E o amor, por intermédio das atividades “intercessoras”, reconduz diariamente ao banco escolar da carne milhões de aprendizes (...) A reencarnação de Segismundo <sup>5</sup> obedece às diretrizes mais comuns, porquanto o nosso irmão pertence à enorme classe média dos espíritos que habitam a Crosta, nem altamente bons, nem conscientemente maus».

Nessa dimensão do Astral trabalham espíritos altamente especializados em áreas científicas como biologia, embriologia e genética, entre outras, que analisam e organizam cada um dos processos reencarnatórios devidamente ajustados ao novo ser que vai nascer.

Ainda de acordo com o Espírito Alexandre, a origem do novo organismo «provém do corpo dos pais, que lhes dá a vida, porém, as tendências que cercam cada um desde os primeiros dias, pelo ambiente a que foi chamado a viver ou pelo tipo de corpo com que nasceu, afeta-o mais ou menos, pela força do livre-arbítrio».

Não se herdam qualidades, mas tendências. Um espírito reencarnante e com inclinações viciosas, ao reencontrá-las numa nova vida, vê-se inclinado a desenvolvê-las, pelo que terá de empregar nobres esforços para não se deixar tentar.

Todas as provas a que o novo ser se vai sujeitar ao reencarnar – tipo de família e de meio social, corpo que irá possuir, eventuais acidentes, doenças graves ou não e tantas outras circunstâncias que irão fazer parte da sua nova existência – são necessárias para o espírito procurar “pôr em dia” a sua contabilidade cármica e, sendo possível, acrescentar-lhe novos créditos espirituais.

Como a maioria daqueles que vão reencarnar acompanharam o planejamento reencarnatório e concordaram com a sua execução, «ninguém se pode queixar de forças destruidoras ou circunstâncias asfixiantes do círculo em que renasceu», esclarece o Espírito Alexandre.

Ao projetarem o futuro corpo do reencarnante, os espíritos responsáveis por esse planejamento têm especial cuidado por cada um dos elementos que vai constituir o seu organismo. É o que sucede com a elaboração do mapa genético que, entre outras particularidades, poderá incluir moléstias de origem cármica, caso as haja – como expiação de faltas cometidas em vidas passadas – e que poderão ser de nascença ou advirem mais tarde.

Mas, mesmo nesses casos, devido à misericórdia de Deus, são disponibilizados meios que permitem, em muitas circunstâncias, regenerar ou desativar uma doença programada, pelo que o bom ou mau desempenho do encarnado nas suas decisões reflete-se no tipo de vida que vai ter. Na realidade, segundo o citado Espírito, quando o encarnado tem como principal referência o amor, «emite forças equilibrantes e restauradoras para os trilhões de células de seu próprio organismo; quando perturbado, emite raios magnéticos de alto poder destrutivo para estas mesmas células».

Percebe-se, então, como o destino pode mudar. Se esse novo ser resistir ao apelo de sentimentos condenáveis e pautar a sua conduta por valores elevados, como o amor e a caridade, reduzirá o risco da emissão dos raios “de alto poder destrutivo” – causadores de doenças graves – e que poderiam fazer parte do seu atual plano reencarnatório.

Não menos importante é que esse comportamento irá traduzir-se em claro benefício da sua evolução espiritual e, muito provavelmente, de uma futura existência terrestre mais tranquila, pois tudo o que se é numa nova existência é fruto da sementeira que foi feita no passado.



## É aqui que se aprende

O aprendizado na escola da vida é feito, essencialmente, através das muitas lições que são dadas no plano físico, quando a alma renasce na carne para viver mais uma etapa da sua longa aprendizagem espiritual.

Os espíritos mais evoluídos têm consciência desse fato, de quão importante é o regresso ao mundo terreno para aperfeiçoar conhecimentos, ajudar os que lhes estão mais próximos e reparar situações que, em vidas anteriores, ficaram por resolver. É devido a esse sentimento de amor e de objetivos a cumprir, que voltam a reencarnar, pois intentam ganhar progresso espiritual, embora saibam que vão trocar temporariamente uma vida de paz e benquerença no Astral, por uma existência muitas vezes difícil no plano físico.

Acerca da maturidade moral que é comum nos espíritos mais evoluídos, vou relatar um caso que sucedeu comigo numa sessão espiritualista. Uma entidade manifestou-se na forma de uma inocente criança, rindo e agitando a cabecinha, de um lado para o outro, com imensa graciosidade.

Momentos antes tinha sido avisado por um Guia Espiritual que iria ter uma surpresa – um evento raro, salientou – pelo que, quando a criança desceu – incorporando na minha mulher –, estranhei, pois parecia ser um Erê<sup>6</sup>, tanto mais que começou por me tratar por “títio” e pediu a bênção, estendendo os dedinhos – é costume agirem dessa forma.

Fazendo-se passar por um Erê, a inesperada visitante – era uma menina – manteve a brincadeira por algum tempo, rindo muito devido ao meu

embaraço por não ter a certeza de quem era. Na verdade, julgava falar com uma das crianças que descem no centro e, como são muito brincalhonas, tanto podia ser a Aninha, como a Rosinha, pois costumam brincar com a sua identidade, como num jogo, até eu descobrir qual delas é que está diante de mim.

Mas havia algo de diferente nesta menina, tanto mais que, se era um “evento raro”, não faria nenhum sentido ser uma das nossas queridas amiguinhas. No entanto, continuava na ideia de que era uma das nossas Erês, a Aninha ou a Rosinha. A certa altura, a criança, batendo as mãozinhas, riu-se muito e gritou: – «Não, titio, não sou nenhuma delas!» e começou a falar. Explicou-me ao que vinha. Tratava-se de um assunto particular.

Nas palavras que proferia, ditas num modo infantil, demonstrava profunda sabedoria – própria de um espírito desenvolvido – mas, nas expressões do rosto e nos gestos, aparentava ser uma menininha de uns cinco a seis anos, irrequieta e feliz na sua exuberante alegria. Fiquei fascinado com aquela criança, que mais parecia um anjinho, tal era a pureza que irradiava.

Quando, a partir de certa altura, me confessou que iria reencarnar em breve, senti-me angustiado ao imaginar aquele ser puro – como que vindo do Céu – renascer num mundo tão imperfeito como o nosso... tanto mais que a sua candura tocava o coração. Estremeci com a ideia!

Sem me conter, procurei demovê-la desse intento, alegando que este mundo não era lugar para ela – como se, naquele momento, tivesse esquecido tudo o que aprendi sobre o aperfeiçoamento do espírito através da reencarnação.

A criancinha olhou-me benevolmente e, num tom de voz onde havia imensa serenidade, comentou, sorrindo:

– «Mas, titio, é aqui que se aprende!»

– «Sim, na verdade, é aqui que se aprende...» – reconheci de imediato, desarmado pelo inesperado argumento.

Pouco depois a garotinha despediu-se e dirigiu-se ao altar, onde se prostrou com impressionante devoção diante da imagem de Jesus Cristo, aí representado por um crucifixo.

Ao observar aquela cena tão espiritual, recordei-me das suas sábias palavras e pensei como são diferentes os propósitos que nos animam quando estamos do “lado de lá”, precisamente porque o Espírito, livre de vícios e apelos inferiores, vê mais longe os verdadeiros caminhos que deve percorrer, aqueles que conduzem à verdadeira felicidade, mesmo que impliquem algum sacrifício passageiro, como o retorno à vida carnal.



## Ressurreição ou reencarnação?

De acordo com as Igrejas Cristãs nem tudo termina com a morte. A alma, que é imortal, separa-se do corpo quando este termina o seu ciclo vital e receberá de Deus a recompensa ou a punição pelas obras realizadas em vida. No fim do mundo, anunciado nas Escrituras, renascerão todos os corpos que se irão unir às almas a que pertenceram em vida. Então, será feito o julgamento final por Jesus Cristo, onde os prémios ou as penas serão decretados por toda a eternidade, considerando as obras virtuosas ou pecaminosas feitas pelo homem durante a sua existência carnal.

No entanto, a ressurreição da carne à luz do raciocínio científico e do senso comum é materialmente impossível. Se os restos do corpo humano, conforme nos explica Allan Kardec<sup>7</sup>, se dispersam pela decomposição «para servir à formação de novos corpos, de tal sorte que uma mesma molécula, de carbono, por exemplo, terá entrado na composição de muitos milhares de corpos diferentes» e que uma pessoa poderá ter no seu corpo ou ingerir com os alimentos moléculas orgânicas provenientes de outros indivíduos, entretanto falecidos; e existindo «em quantidade definida a matéria» e tendo em conta que são imensas as suas combinações, como seria possível reconstituírem-se os corpos com os mesmos elementos que tinham anteriormente?

Do ponto de vista material, é impossível, pelo que «não se pode admitir a ressurreição da carne, senão como uma figura simbólica do fenómeno da reencarnação», conclui Kardec.

Como é fácil de ver, jamais seria possível a retomada física dos corpos que outrora os espíritos possuíram, quer uma pessoa tivesse morrido há um

século, ou há cinco mil anos ou em qualquer outro momento da longa evolução do homem.

Dissemos evolução do homem e não criação do homem, porque o criacionismo também deve ser entendido como uma alegoria, mas sem fundamento científico. É fato comprovado pela evidência fóssil que o género humano não surgiu na Terra tal como o conhecemos atualmente, mas é o resultado de uma evolução biológica de incontáveis milhões de anos, assim como todas as formas de vida conhecidas.

O mesmo se poderia dizer relativamente aos “sete dias da criação do Mundo” ou do “Universo ter seis mil anos de idade”, igualmente referidos no Velho Testamento, que são formas alegóricas que pretendem explicar a génese do nosso planeta e do Cosmos à luz do conhecimento de épocas e culturas muito antigas, portanto, sem rigor histórico ou científico, no sentido que lhes é hoje atribuído.

Nada disso, porém, põe em causa a natureza divina de muitas passagens das Sagradas Escrituras, bastando recordar, por exemplo, a perene atualidade dos “Dez Mandamentos” anunciados por Moisés no Monte Sinai e, quinze séculos depois, sintetizados por Jesus Cristo nesta admirável sentença: «amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo».

Presentemente, para muitos cristãos e judeus, certas passagens bíblicas, nomeadamente no Velho Testamento, não devem ser levadas à letra, mas consideradas no sentido figurado, contrariamente a algumas correntes fundamentalistas cristãs que defendem – contra todas as evidências científicas – a tese criacionista, a formação do Universo em seis milénios e a leitura literal da Bíblia.



## A reencarnação na igreja primitiva

A Bíblia é um maravilhoso testemunho da relação de Deus com o homem desde épocas muito remotas. Difundida por tradição oral e recolhida e escrita pelo próprio homem, as Sagradas Escrituras revelam os princípios civilizacionais que têm norteado a nossa evolução moral ao longo dos tempos, descrevendo as admiráveis vidas de ilustres profetas e, sem dúvida, do mais notável de todos, de Jesus Cristo.

Foi a existência humilde e virtuosa de Jesus, a profunda e sempre atual sabedoria dos Seus sermões, parábolas e pregações, o amor fraterno pelo próximo, a misericórdia perante os pecadores, a extrema devoção a Deus, os prodigiosos milagres que realizou e a Sua crucificação para a nossa Salvação que constituem o fundamento, o exemplo e a doutrina moral de muitas religiões e correntes espiritualistas que fazem do Evangelho a sua principal fonte inspiradora.

Acredita-se que a Bíblia tenha sido escrita por várias dezenas de autores de diferentes regiões e em dois períodos distintos, num total de 1.600 anos aproximadamente. O primeiro, relacionado com o Antigo Testamento, foi provavelmente escrito entre os séculos XV a.C. a V a.C., enquanto o referente ao Novo Testamento deverá ter sido entre os séculos I e II d.C.

A Bíblia, ao longo dos séculos, foi objeto de diversas traduções e transcrições, algumas menos isentas, assim como foram excluídos vários textos considerados apócrifos<sup>8</sup> por parte de alguns Concílios Ecuménicos. Como resultado das mutilações que sofreu, a pureza de certos testemunhos foi retirada ou adulterada, de tal forma que não deixa de ser curioso referir

que, nas atuais Bíblias, alguns livros classificados como canônicos<sup>9</sup> pelos católicos são tidos como apócrifos por judeus e protestantes.

Um dos temas mais “mexidos” foi o respeitante à reencarnação. Na verdade, nos primeiros séculos do Cristianismo, esse conceito parece ter sido assumido por muitos cristãos, ou seja, por parte daqueles que estavam mais próximos dos tempos de Jesus Cristo e que foram os verdadeiros alicerces da primitiva Igreja Cristã, da qual se ergueu a atual Igreja Católica Romana.

De entre os primitivos cristãos nasceu o gnosticismo (séculos II e III d.C.), que foi um movimento religioso esotérico<sup>10</sup> com posições bastante diferentes das outras correntes cristãs, embora professasse o Cristianismo.

Os gnósticos dirigiam a sua relação com Deus a partir do conhecimento (gnose) como um estado de consciência superior que lhes dava acesso aos divinos mistérios ocultos. Face aos Patriarcas da Igreja, a escritora Elizabeth C. Prophet<sup>11</sup> refere que os gnósticos «divergiam em relação a várias coisas, inclusive se Jesus era um ser humano ou um ser divino. Mas costumavam concordar a respeito de temas como (...) o processo de salvação e a existência da reencarnação (...). Os gnósticos diziam possuir a interpretação completa, baseada nos ensinamentos secretos de Jesus que lhes foram transmitidos pelos apóstolos».

Os primeiros cristãos sofreram quase três séculos de perseguição nos vastos territórios ocupados pelo Império Romano, perecendo inúmeros inocentes apenas por apregoarem as palavras de um único Deus justo e bom, legadas por Jesus Cristo na sua curta vida em terras da Palestina. O Seu apostolado espalhou-se largamente, cobrindo em poucos séculos imensas regiões do Ocidente e de outras partes do Mundo.

Perante a crescente influência cristã no Império Romano em detrimento do paganismo e da idolatria, Constantino, o Grande – por motivos políticos ou por inspiração divina –, foi o primeiro imperador romano a professar o Cristianismo, decretando-o como religião oficial do Estado. No entanto, no ano 325, determinou que fosse excluído das Sagradas Escrituras tudo o que se relacionasse com a reencarnação.

Mais de dois séculos decorridos foi ratificada a decisão de Constantino no atribulado II Concílio de Constantinopla, em 553. Nesse concílio, realizado sem a presença do Papa, foram propostos pelo Imperador Justiniano quinze anátemas, que também incluíam a reencarnação, tendo sido subscritos unanimemente pelos bispos presentes. O primeiro dos anátemas decretava que se «alguém afirmar a fabulosa preexistência das almas e a monstruosa restauração que dela se segue, que seja anatematizado».

E foi desta forma – por decreto imperial – que a reencarnação, à revelia da obra do Criador, foi excomungada pelo homem, apenas para salvaguardar interesses profanos de ordem política e pretensamente religiosa.

Na realidade, a reencarnação sempre foi temida pelo poder dominante. Para uma Igreja em forte crescimento, mas também confrontada com crises internas, essas ideias constituíam uma ameaça premente, pois davam demasiado tempo aos crentes para encontrarem a sua salvação, afastando-os do medo do castigo eterno. Para os soberanos e a nobreza em geral, a difusão da tese reencarnacionista punha em risco a “autoridade moral” dos poderosos da época – da sua linhagem aristocrática supostamente indissolúvel – já que, numa vida posterior e segundo as leis do carma, arriscavam-se a perder o “sangue azul” e a serem servos de quem os servia agora.

No entanto, para muitos antigos cristãos, a reencarnação era comumente aceite, destacando-se Orígenes de Alexandria (185-253), que foi um teólogo e filósofo assaz respeitado pela sua elevada cultura, fato que lhe granjeou invejável notoriedade.

Orígenes, na sua obra “De Principiis”, defende que cada alma «vem a este mundo fortalecida pelas vitórias ou fraquezas de sua vida anterior. O seu lugar neste mundo (...) é determinado pelos seus méritos ou deméritos prévios. Seu trabalho neste mundo determina a sua vida num mundo futuro».

Mais adiante, Orígenes esclarece que as almas são destinadas para o «lugar, região ou condição» de acordo com as virtudes ou erros que cometeram «antes da vida atual». Ao criar o Universo, Deus fê-lo de acordo com «o princípio de uma retribuição totalmente imparcial», não criou «com favoritismos», mas deu corpos aos espíritos «de acordo com os pecados de cada um».

Ainda na referida obra, o autor de “De Principiis”, levanta uma questão que, embora já tivesse sido colocada a Jesus pelos apóstolos, provavelmente não terá passado despercebida a nenhum cristão: «Se as almas não existiam previamente, porque encontramos cegos de nascença que nunca pecaram, enquanto outros nascem são?»), sendo o próprio Orígenes a responder: «É claro que alguns pecados existem [foram cometidos] antes das almas [possuírem corpos] e, como resultado, cada alma recebe a recompensa de acordo com o seu mérito».

As condições e características da vida de um indivíduo quando reencarna são, segundo esse brilhante teólogo, consequência das ações cometidas em vidas anteriores.



## A reencarnação na Antiguidade

O homem sempre se interrogou sobre o que seria a morte e o que poderia haver depois dela, se era a extinção pura e simples de tudo o que se referia ao indivíduo em si, como o apagar de uma vela, ou se seria uma viagem sem regresso do espírito, rumo a um mundo distante onde se manteria vivo, mas numa forma e num meio que lhe era totalmente desconhecido.

Para quem acreditava na imortalidade, a ideia de qual poderia ser o destino da alma depois de abandonar o corpo, era considerada sob diferentes pontos de vista, conforme as épocas e as regiões onde esses povos viviam. Para uns, as almas seriam encerradas numa caverna tenebrosa, guardada por ferozes criaturas mitológicas – como Cérbero, o monstruoso cão policéfalo<sup>12</sup> – num cativeiro sem fim; para outros, os espíritos iriam viver num mundo maravilhoso, repleto de jardins, com flores, lagos e animais em liberdade, como um Paraíso resplandecente de beleza e poesia.

Entre essas concepções extremas, como um Érebo<sup>13</sup> ou um Éden, seriam cabíveis inúmeras hipóteses sobre o destino das almas, cada uma delas mais excêntrica do que as outras.

A verdade é que essa questão sempre preocupou a humanidade, fato patente nas construções megalíticas europeias, como os dólmenes – que eram túmulos coletivos – e que remontam a mais de 7.000 anos de idade; nos achados arqueológicos de adornos e objetos pessoais em sepulturas nas civilizações orientais; nas construções, múmias e artefactos das culturas pré-colombianas; e nas colossais pirâmides do Egito, entre muitas outras manifestações relacionadas com o culto dos mortos que, desde os tempos

mais primitivos, sempre existiram em todas as regiões habitadas pelo homem.

Relativamente ao Antigo Egito – com os seus mistérios e ritos sagrados, apenas permitidos a iniciados <sup>14</sup> – a religião foi o elemento cultural mais influente nessa milenar civilização, nomeadamente, o culto às divindades e os preparativos para a vida além-túmulo. Para os reis e altos dignitários, chegado o momento da morte e depois da mumificação do cadáver e de complexas cerimónias fúnebres, era feita a “pesagem da alma” por Osíris, senhor do mundo infernal e juiz dos mortos, o qual determinava o destino final da alma.

Vários milénios atrás, no Paleolítico Médio, o Homem de Neandertal (extinto há 30.000 anos) já cultuava os mortos, abrindo cavidades nas rochas ou no solo onde, junto ao corpo sepultado, depositava alimentos e objetos pessoais, como colares e utensílios de caça. Grânulos de pólen fossilizado também foram achados nesses locais, sugerindo a deposição de flores nas sepulturas, como uma última homenagem ao defunto. Nalguns casos, havia o cuidado de colocar o corpo na posição fetal, o que avança a hipótese de uma crença no renascimento do morto, como se este retornasse ao seio do seu clã numa outra vida.

A reencarnação como uma realidade post-mortem sempre esteve presente em muitas religiões e correntes filosóficas espalhadas por todo o mundo antigo, sucedendo que grande parte delas se tem mantido ao longo dos séculos e continuam presentes nos tempos modernos. São exemplos marcantes, entre outros:

– As religiões orientais, quase todas milenares, como o Hinduísmo, o Budismo, o Taoísmo e o Jainismo, a que se juntaram posteriormente novos

cultos, como o Siquismo (Séc. XV) e o Caodaísmo, de origem vietnamita (Séc. XX).

– As tradições animistas <sup>15</sup> de diferentes povos africanos, sendo que alguns aceitam a reencarnação em corpos não humanos.

– As religiões de origem ameríndia, como as de diversas tribos do continente americano e dos Inuits – o povo esquimó – que nas suas crenças consideram as crianças como reencarnações dos seus antepassados.

– As civilizações europeias greco-romanas da Antiguidade Clássica (séculos VIII a.C. a V), consideradas no mundo ocidental como o expoente máximo das artes, da medicina, da literatura, do direito e da filosofia, entre outras áreas do saber. Com a posterior expansão do Império Romano em torno do Mediterrâneo e por vastas regiões da Europa, essas referências culturais assumiram-se como um marco relevante na construção dos valores civilizacionais do Ocidente e de grande parte do Mundo.

Diversos filósofos e sábios das civilizações gregas e romanas acreditavam na sobrevivência do espírito após a morte física, assim como no fenómeno da reencarnação e na evolução da alma para planos mais elevados, conforme os seus méritos em vida.

O célebre filósofo e matemático Pitágoras, nascido no século VI a.C., foi um dos primeiros pensadores gregos a defender a reencarnação, revendo-se como tendo sido guerreiro, comerciante e agricultor em vidas passadas, além de prostituta – a mudança de sexo é um conceito bastante comum nos reencarnacionistas.

No contexto dessa profícua riqueza cultural, outros filósofos notáveis, como os gregos Sócrates (470 a.C.-399 a.C.) e seu discípulo Platão (427 a.C.-347 a.C.), deram enorme contributo ao estudo e divulgação das teses espiritualistas, pelo que são considerados por muitos espíritas como precursores do moderno Espiritismo.

Embora haja autores que discordem dessa “paternidade”, a verdade é que esses filósofos acreditavam na existência da alma como algo separado do invólucro carnal, assim como na eternidade do espírito e na reencarnação como via de evolução espiritual.

Em Platão, a teoria da alma (ou psicologia) atribuía à psique <sup>16</sup> o sentido da vida – o princípio vital que dá e conserva a vida; o sentido da consciência – o princípio da vida mental e espiritual; e o sentido da individualidade – a imortalidade do espírito. Essa concepção de cariz metafísico já provinha do Pitagorismo<sup>17</sup> e de outras tradições místicas de origem grega.

Como se confirma nos diálogos de Fédon<sup>18</sup> – uma das principais obras de Platão em que são descritos os momentos finais de Sócrates – a alma era tida como imortal. Este filósofo também defendia que era por meio de várias reencarnações «que as psiques [almas] se individualizam e se diferenciam, cada uma com o seu carácter individual».

Por meio dessa evolução o espírito teria passado por muitas existências – acumulando imensos conhecimentos – pelo que poderia servir-se de recordações de vidas anteriores, na medida em que «contemplou todas as coisas existentes tanto na Terra como no Hades (mundo dos mortos) e por isso não há nada que ele desconheça (...) logo, nada impede que ao nos

lembrarmos de uma coisa – o que nós, homens, chamamos de saber – todas as outras coisas acorram naturalmente à nossa consciência».

A existência de um mundo imaterial separado do mundo físico também foi sustentada por Sócrates e Platão, entre muitos outros pensadores que tanto contribuíram para o desenvolvimento da Filosofia.

O seu discípulo Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) seguiu-lhe inicialmente os passos, afastando-se posteriormente do postulado do mestre, acabando por se opor à imortalidade e à reencarnação. Tornou-se, por outro lado, o precursor de uma nova corrente filosófica que vingou até aos dias de hoje. Juntamente com Sócrates e Platão, Aristóteles é considerado como um dos fundadores da filosofia ocidental.



## A reencarnação na Bíblia

Os católicos, os protestantes e a maioria dos judeus rejeitam nos seus fundamentos o conceito reencarnacionista, considerando-o contrário às escrituras, embora a Cabala (conjunto de textos sagrados hebraicos) admite que «algumas almas retornam duas ou três vezes a esse mundo em outro corpo até acabar de cumprir a sua missão. A Cabala é a única corrente dentro do judaísmo que defende o conceito de reencarnação» <sup>19</sup>, ideia igualmente partilhada pelos judeus chassídicos <sup>20</sup>.

Os primitivos cristãos, como os gnósticos, fundamentavam-se em passagens bíblicas que, proferidas por Jesus Cristo, podiam ser claras alusões à reencarnação, como o fato de o Mestre ter dito que o profeta Elias «já veio, e não o conheceram», referindo-se a João Batista e, também, sobre a necessidade de se «nascer de novo», no diálogo com Nicodemos.

Essa tese apoia-se em várias passagens do Novo Testamento, de que são exemplo os seguintes trechos:

O Anjo Gabriel anuncia o retorno de Elias: «Não temas, Zacarias, porque foi ouvida a tua oração: Isabel, tua mulher, dar-te-á um filho, e chamá-lo-ás João (...) ele converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus, e irá adiante de Deus com o espírito e poder de Elias para reconduzir os corações dos pais aos filhos». (Lucas 1:13-17)

Noutra passagem, João Batista é claramente identificado como sendo o profeta reencarnado, quando os apóstolos perguntam a Jesus sobre o regresso de Elias: «Por que dizem os escribas que Elias deve voltar

primeiro? Jesus respondeu-lhes: Elias, de fato, deve voltar e restabelecer todas as coisas. Mas eu vos digo que Elias já veio, mas não o conheceram; antes, fizeram com ele quanto quiseram. Do mesmo modo farão sofrer o Filho do Homem. Os discípulos compreenderam, então, que ele lhes falava de João Batista». (Mateus 17:10-13)

Em outra passagem bíblica, Jesus volta a referir-se a João Batista como sendo o espírito do profeta Elias: «Desde a época de João Batista até o presente, o Reino dos céus é arrebatado à força e são os violentos que o conquistam. Porque os profetas e a lei tiveram a palavra até João. E, se quereis compreender, é ele o Elias que devia voltar. Quem tem ouvidos, ouça». (Mateus 11:12-15)

O diálogo entre o Mestre e Nicodemos (fariseu e amigo de Jesus, posteriormente venerado como São Nicodemos pela Igreja Católica) é tido igualmente como um testemunho da crença do processo reencarnatório: «Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer de novo não poderá ver o Reino de Deus. Nicodemos perguntou-lhe: Como pode um homem renascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no seio de sua mãe e nascer pela segunda vez? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus. O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do Espírito é espírito. Não te maravilhes de que eu te tenha dito: Necessário vos é nascer de novo. O vento sopra onde quer; ouves-lhe o ruído, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai. Assim acontece com aquele que nasceu do Espírito». (João 3:3-8)

Para muitos defensores reencarnacionistas, estas passagens do Evangelho representam matéria suficientemente clara para atestar que Jesus Cristo a ela se referiu várias vezes. Inclusive, de acordo com alguns autores, Ele próprio teria revelado aos apóstolos o conceito da reencarnação e de outros mistérios que deveriam permanecer secretos.

Além de Orígenes, o maior erudito da Igreja antiga, segundo o escritor e teólogo Johannes Quasten (1900-1987), diversos Doutores da Igreja Católica defenderam igualmente o conceito reencarnacionista, como foi o caso de São Jerónimo (347-420).

Este ilustre Santo, Padre e Doutor da Igreja, afirmava que a “transmigração das almas” fazia parte das doutrinas esotéricas apenas reveladas a uns poucos de iniciados. Foi encarregado pelo Papa Dâmaso I de traduzir a Bíblia do texto grego para o latino – a “Vulgata” –, sucedendo que esta edição ainda hoje é considerada como o texto bíblico oficialmente reconhecido pela Igreja Católica.

A tradução da “Vulgata”, segundo alguns autores, teve trechos adulterados por São Jerónimo, em obediência às instruções do Sumo Pontífice, conforme ele próprio revela nesta passagem: «Obrigas-me fazer de uma Obra antiga uma nova (...) da parte de quem deve por todos ser julgado, julgar ele mesmo os outros, querer mudar a língua de um velho e conduzir à infância o mundo já envelhecido».

A seguir, interroga-se se haverá algum erudito ou ignorante que lendo apenas uma vez essa obra e «vendo que se acha em desacordo com o que está habituado a ler, não se ponha imediatamente a clamar que eu sou um sacrílego, um falsário, porque terei tido a audácia de acrescentar, substituir, corrigir alguma coisa nos antigos livros?».

Mais adiante, o tradutor da Vulgata reconhece-se aliviado desse peso, pelo fato de ter sido o próprio Papa a ordenar que o fizesse: «vós que sois o soberano pontífice me ordenais que o faça».

Santo Agostinho (354-430), bispo, filósofo e escritor, foi um dos teólogos mais importantes na expansão do cristianismo no Ocidente. Nas “Confissões”, uma obra vista como autobiográfica, faz algumas reflexões que, para muitos investigadores, são consideradas como de alguém que acredita na reencarnação: «Não terei eu vivido em outro corpo, em alguma outra parte, antes de entrar no útero de minha mãe? (...) a minha infância sucedeu a outra idade já morta? (...) E antes desse tempo, quem era eu (...)? Existi, porventura, em qualquer parte? Era Eu, por acaso, alguém?»

Outro teólogo defensor das ideias reencarnacionistas foi o Cardeal Nicolau de Cusa (1401-1464). Considerado o pai da filosofia alemã, foi figura central na transição das ideias medievais para as correntes inovadoras do Renascimento. Sendo um filósofo de visão cosmológica, amplamente conceituado nos meios intelectuais e religiosos, defendia o conceito reencarnacionista e a existência de outros mundos habitados, sendo ouvido nos salões do Vaticano.

A reencarnação para muitos dos primitivos cristãos era uma questão tida como natural. Algumas passagens do Evangelho, como vimos, demonstram claramente essa ideia. Atente-se, por exemplo, na dúvida dos discípulos de Jesus quando, diante de um mendigo cego, assim o questionam: «Mestre, quem pecou, este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?». Ao que Jesus responde: «Nem ele nem seus pais pecaram, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele». (João 9:2)

Com essa pergunta os discípulos só queriam saber quem era o responsável pela cegueira daquele homem, se o mendigo ou os seus pais, pois se tinha nascido cego era porque um deles tinha pecado. Um pecado que, como é óbvio, teria ocorrido antes do próprio cego ter nascido.

A resposta do Mestre foi inequívoca, ninguém era culpado, provavelmente “para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele”, através do milagre de Jesus Cristo que curou o homem da cegueira.

No entanto, a pergunta dos apóstolos, feita com tanta naturalidade e limitando a resposta apenas a uma das duas hipóteses – o filho ou os pais são responsáveis pelo pecado –, só teria lugar se acreditassem que eles pudessem ter vivido em existências anteriores e que agora, nesta vida, a punição pelo pecado de um deles era cumprida com a cegueira do filho.

Este caso confirma o conhecimento, diríamos mesmo, a familiaridade do fenómeno da reencarnação, um conceito culturalmente admitido pela sociedade da época ou, no mínimo, por Jesus Cristo, seus apóstolos e uns quantos iniciados.

Por outro lado, e ainda de acordo com a questão posta pelos discípulos, parece claro que um inocente – o cego, caso não fosse o autor do pecado –, poderia resgatar o pecado de outrem – os pais. Assim sendo, então, a negociação cármica e o assumir de dívidas cármicas de terceiros – por amor, por exemplo – também poderia ser um conceito considerado normal nesses remotos tempos bíblicos.

Quase um milénio depois de a reencarnação ser expurgada dos cânones da Igreja, uma significativa comunidade cristã – os Cátaros ou Albigenses, que viveram no sul de França e norte de Itália (sécs. XII e XIII) – continuava a defender a reencarnação, entre outras ideias consideradas heréticas.

Fortemente perseguido, o movimento Cátaro acabou por desaparecer da cena europeia no século XIV.



## Os cristãos e a reencarnação

A maioria dos consulentes que recorrem aos centros espiritualistas, nomeadamente às mesas kardecistas <sup>21</sup> e terreiros umbandistas <sup>22</sup>, são católicos e protestantes, fato que não impede a requerida e generosa assistência que lhes é prestada.

Um princípio que é sagrado nas religiões que trabalham com entidades de Luz é a prática da caridade, sem quaisquer obrigações que não sejam a satisfação de ajudar na cura ou alívio dos males que afetam o paciente, assim como na evolução do médium e dos espíritos que a ele assistem, sucedendo que todos ganham crescimento espiritual com esses trabalhos.

A caridade, o amor e a fraternidade são a única moeda de valor nas dimensões espirituais, já que a outra, a cobrança por esses serviços, corrompe frequentemente o homem e desvia-o dos caminhos de Deus e dos espíritos benfeitores que não querem saber de recompensas materiais e se afastam, pelo que serão os espíritos mais atrasados que, dessa fraqueza do médium ou do dirigente religioso, se poderão aproveitar. Esse fato torna certos "gurus" e "profetas" um sério risco para os seus seguidores mais fanáticos.

O admirável trabalho dos Guias e Protetores espirituais a favor dos irmãos mais necessitados – sob a responsabilidade das hierarquias superiores regidas por Jesus Cristo – através de curas físicas e espirituais, consultas e tantas outras manifestações de amor e caridade, têm proporcionado um significativo aumento de simpatizantes das religiões e doutrinas espiritualistas.



## A maioria da humanidade acredita na reencarnação

Para estas correntes de pensamento, os carmas e as reencarnações são mais um testemunho da infinita sabedoria de Deus, pois a todos concede oportunidades de crescimento de acordo com os seus méritos, sem favoritismos, nem castigos eternos. Deste modo, as reencarnações são vistas como um instrumento indispensável para o progresso do espírito, sendo que essa crença é partilhada pela maior parte da humanidade, conforme resulta de diversos estudos publicados.

Segundo uma pesquisa encomendada em 1991 pela Arquidiocese de Belo Horizonte – capital do Estado de Minas Gerais, no Brasil – e divulgada no boletim informativo “Construir a Esperança” nº 7, mais de 60% dos católicos acreditam na reencarnação. De acordo com esse estudo «a crença na vida eterna, imortalidade da alma e vida após a morte parece bastante confusa, mesmo para os católicos. É mais forte entre umbandistas e espíritas, que acreditam na reencarnação, crença partilhada também por mais de 60% dos católicos e 20% dos protestantes»<sup>23</sup>.

Poder-se-á alegar que essas conclusões não devem ser extrapoladas, pois se baseiam em casos atípicos como o Brasil, porquanto é um país multicultural, devido à miscelânea de crenças e tradições de vários povos – europeus, africanos e asiáticos –, além das populações ameríndias com os seus cultos próprios, como a Pajelança<sup>24</sup> e que já existiam nessas terras antes da chegada dos portugueses.

Essa mistura cultural poderá ter facilitado a assimilação de determinados conceitos espiritualistas – como a reencarnação – que, embora rejeitados pelas Igrejas Católica e Protestante, nunca foram abandonados pela maioria

dos seus fiéis, pois estes mantiveram vivas algumas das suas crenças tradicionais.

Esse seria um tipo de argumento que poderia validar essa tese – de ser um fenómeno circunscrito ao Brasil –, não fosse o fato de haver pesquisas de opinião que abrangem extensas regiões do planeta e que demonstram que a reencarnação é um conceito universalmente aceite.

Tratando-se essa crença de um fenómeno transversal a todas as culturas e religiões, mesmo aquelas que são avessas a essa ideia, como é o caso das Igrejas Católica e Anglicana, torna-se oportuno referir os resultados de dois estudos da responsabilidade dessas igrejas. O primeiro foi divulgado pela Rádio Vaticano – a emissora de rádio da Santa Sé –, e o segundo, resultou de uma pesquisa promovida pela Igreja Anglicana de Inglaterra, uma igreja cristã de inspiração protestante.

A Rádio Vaticano, no seu site de 2006, publicou um editorial em que reconhece ser «cada vez maior o número dos que, mesmo sendo católicos, aceitam a reencarnação. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Gallup revelou que 33% dos entrevistados acreditam na reencarnação. Na Europa, 40% da população demonstra interesse por essa crença. Mas, é no Brasil que se concentra o maior número de simpatizantes».

Mais adiante, o referido órgão faz referência a outra pesquisa, desta vez realizada pelo Vox Populi. Nesse estudo ficou constatado «que 59% da população brasileira acredita que já teve outras vidas, apesar de somente 3% se declararem espíritas». Finalmente, reconhece-se nesse editorial, que a «fé na reencarnação constitui, então, um fenómeno mundial».

Abrangendo quase todos os países do mundo, são ainda mais surpreendentes as conclusões de outra pesquisa levada a cabo pela Igreja Anglicana de Inglaterra. A enciclopédia “Word Christian Encyclopaedia” – que pertence a essa igreja e é editada pela “University of Oxford” – assinala que depois de um trabalho de campo que envolveu «500 pesquisadores e 121 consultores» em quase todos os países do Mundo, a população da Terra no ano 2000 iria atingir «6.260.000 de habitantes e que dois terços dessa população, isto é, cerca de 4.000.000 de pessoas, seriam reencarnacionistas<sup>25</sup>».

Pela credibilidade das instituições que elaboraram essa pesquisa, pelo fato de não comungarem ideias reencarnacionistas e pela recolha de dados à escala mundial, é impressionante concluir-se que dois em cada três habitantes do nosso planeta acreditam na reencarnação.



## A Ciência e a reencarnação

O avanço das ideias materialistas que já se manifestavam em épocas anteriores, colheu solo fértil no século XIX.

A corrente materialista de então, no combate ao espiritualismo e ao universo dos diferentes credos religiosos, viu reforçada a sua expressão com o contributo intelectual de cientistas e filósofos que, com os seus trabalhos inovadores, quebraram barreiras culturais até aí vigentes.

Podemos referir, como alguns dos mais significativos exemplos, a publicação da genial obra “A Origem das Espécies” de Charles Darwin, que derrubou o mito criacionista do homem ao propor a teoria evolucionista da seleção natural; e a visão revolucionária de Marx e Engels, propugnadores da luta de classes e da utopia de uma sociedade igualitária, totalitária e ateísta, ferozmente contrária a qualquer tipo de liberdade e de crença espiritual.



## O despertar do espiritismo

Foi nesse ambiente hostil, de puro materialismo e ceticismo religioso, que começaram a surgir em diferentes pontos do Globo diversas manifestações de espíritos, oferecendo ao Prof. Hippolyte Rivail – mais conhecido sob o pseudónimo de Allan Kardec (1804-1869) – a oportunidade de estudar esses fenómenos.

Corria o ano de 1854 quando Kardec ouviu falar pela primeira vez das “mesas giratórias”, um tipo de manifestação mediúnica bastante popular na época, em que os espíritos respondiam às perguntas através de golpes e movimentos de mesas, em redor das quais as pessoas se sentavam. Só no ano seguinte, movido pela curiosidade, é que Hippolyte Rivail passou a ser um frequentador assíduo das reuniões onde se manifestavam esses fenómenos.

Antes de se consagrar ao espiritismo – ao qual se dedicou profundamente até ao final da sua vida –, Rivail distinguiu-se como pedagogo e autor de manuais escolares, além de tradutor de diversas obras. Foi insigne membro de instituições de grande prestígio científico, como a “Académie Royale des Sciences d’Arras” e a “Société des Sciences Naturelles”, entre outras.

O pseudónimo Allan Kardec foi adotado por Hippolyte Rivail quando um espírito lhe revelou que ambos tinham vivido entre os druidas (sacerdotes) na Gália e que, nesses tempos recuados, o famoso Grande Codificador tinha esse nome.

Fundador da “Revista Espírita” e da “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”, Allan Kardec ficou imortalizado para a posterioridade como o Grande Codificador da Doutrina Espírita, tendo publicado diversas obras que constituem um marco fundamental na investigação e conhecimento do Espiritismo, salientando-se, entre outros trabalhos, “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, “O Céu e o Inferno”, “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e “A Génese”.

Adotando rigorosos métodos científicos para a validação dos fenómenos observados, Kardec revela na obra “A Génese” que o «Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação», pelo que só houve progressos importantes nas ciências «depois que seus estudos se basearam [no] método experimental; até então, acreditou-se que esse método só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas».

Contemporâneo e amigo de Allan Kardec, o francês Camille Flammarion (1842-1925) foi um eminente cientista, astrónomo e espírita, que também teve inestimável desempenho na divulgação popular da astronomia, através de publicações escritas numa linguagem acessível – como a “Astronomia Popular”, uma das suas obras mais conhecidas. Homenageado com a “Légion d’honneur” pelos trabalhos de divulgação em prol da astronomia, Flammarion veio a fundar o “Observatoire de Juvisy-sur-Orge” e, anos depois, a “Société Astronomique de France”, da qual foi presidente.

Da sua obra “O Desconhecido e os Problemas Psíquicos”, resultado de décadas de recolha e organização de mais de 4.000 relatos sobre fenómenos considerados sobrenaturais, Flammarion retirou diversas conclusões, nomeadamente:

– A alma existe com identidade própria, sendo independente do corpo e dotada de faculdades ainda desconhecidas da Ciência, podendo agir e perceber à distância, sem recorrer aos sentidos.

– Os acontecimentos futuros são previamente preparados e decididos de acordo com os motivos que os provocaram – em que o conceito de causa-efeito ou carma está aí bem explícito. A alma, já encarnada, apercebe-se disso algumas vezes.

Após o falecimento do seu amigo Kardec, as obras de Flammarion passaram a revelar uma visão espiritual mais profunda sobre as ciências da religião. No livro “Narrações do Infinito” – uma obra que defende a eternidade do espírito e a reencarnação –, Camille Flammarion refere formas de vida existentes em outros planetas, mundos superiores e vidas passadas, almas em seres vivos menos evoluídos do que o homem, entre outros assuntos que são nos dias de hoje objeto de estudo de diversos investigadores.

Na senda dos trabalhos de Allan Kardec, os franceses Léon Denis (1846-1927) e Gabriel Delanne (1857-1926), dedicaram-se ao estudo e divulgação do espiritismo, tendo este último fundado a União Espírita Francesa e colaborado com Charles Richet nas suas pesquisas mediúnicas. O médium e filósofo Léon Denis, devido às suas profundas relações com a FEB (Federação Espírita Brasileira), foi nomeado Presidente honorário dessa instituição.

O italiano Ernesto Bozzano (1862-1943), professor da Universidade de Turim, foi um dos mais ilustres investigadores dessa época, tendo dedicado grande parte da sua vida à recolha e sistematização de fenómenos relacionados com o mundo espiritual. Publicou dezenas de monografias em

que cada um dos trabalhos está relacionado com um determinado tipo de fenómeno supranormal. Trata-se de uma obra memorável, com inúmeros casos recolhidos, muitos deles objeto da investigação direta do autor.

Ao longo do seu profícuo trabalho, este pesquisador sempre se preocupou em ser rigoroso nos métodos de validação científica dos fenómenos observados. Ironicamente, antes de se converter ao espiritismo, Ernesto Bozzano era considerado um cético irreductível e um materialista convicto.

O médico e cientista francês Charles Richet (1850-1935), Prémio Nobel de Fisiologia/Medicina em 1913, foi um brilhante investigador que deu um largo contributo ao conhecimento de diversos fenómenos psíquicos, como a produção de ectoplasma <sup>26</sup>, termo criado por esse pesquisador para a substância difusa emanada por médiuns dos chamados “efeitos físicos”, como a italiana Eusápia Paladino (1854-1918), uma das mais famosas médiuns de todos os tempos.

Na sequência dos seus trabalhos, Charles Richet apresentou à “Académie des Sciences”, em 1922, o “Tratado de Metapsíquica” <sup>27</sup>. Esse novo ramo científico – a Metapsíquica – que procurava desvendar o misterioso mundo dos fenómenos anímicos e mediúnicos <sup>28</sup>, deu origem à Parapsicologia, ciência que estuda as manifestações paranormais, nomeadamente a percepção extrassensorial e a psicocinesia, que é o estudo do movimento de objetos através da ação da mente.



## Crianças com memórias de vidas passadas

O psiquiatra canadiano Ian Stevenson (1918-2007) é reconhecido internacionalmente como uma das figuras mais relevantes no âmbito das investigações científicas relacionadas com a reencarnação. Além desse fascinante tema, dedicou-se igualmente ao estudo de diversos fenômenos supranormais, como as aparições no leito de moribundos, as experiências de quase morte – indivíduos dados como clinicamente mortos e que “ressuscitaram” depois do espírito atravessar o portal entre a vida e a morte e retomar o corpo físico – e a xenoglossia <sup>29</sup>, entre outros assuntos.

O trabalho que o consagrou, porém, deveu-se essencialmente à recolha e escrupulosa análise de milhares de casos relacionados com crianças que tinham “recordações de vidas passadas”. Esses testemunhos provinham das mais diferentes regiões do mundo, como o Sri Lanca, Índia, Alasca, Turquia, Mianmar (antiga Birmânia), Líbano, África, América do Sul, etc.

Stevenson visitou pessoalmente muitos desses locais, recolhendo dados, entrevistando crianças e familiares, anotando sinais de nascença e registros médicos, entre outras informações consideradas necessárias. Fez-se acompanhar em algumas viagens pelo magnata Chester Carlson – que financiou muitas dessas investigações, contribuindo também com importantes donativos para que os seus trabalhos tivessem continuidade – e por Tom Shroder, editor do “Washington Post” que, mais tarde e perante os fantásticos casos de que foi testemunha, publicou o livro “Almas Antigas”.

Relativamente às inúmeras ocorrências estudadas, tornou-se claro para o investigador canadiano que as recordações das crianças eram mais nítidas entre os dois e os quatro anos de idade. No entanto, curiosamente, por volta

dos sete aos oito anos deixavam de ter essas memórias. Outro dado, que parecia prevalecer nessas vidas do passado, era o fato de as crianças terem morrido, quase sempre, de forma violenta, havendo abundância de detalhes sobre esses casos.

Os trabalhos de Stevenson destinavam-se preferencialmente à comunidade científica, tendo publicado centenas de artigos e vários livros, sendo um deles composto por dois tomos com mais de 2.000 páginas, cuja leitura era excessivamente técnica para o leitor comum. Posteriormente, publicou “Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação”, uma obra de leitura mais acessível. Em 1967 foi nomeado “Diretor do Sector de Estudos da Personalidade” e, durante algum tempo, ficou como responsável do “Departamento de Psiquiatria da Universidade de Virgínia”.

Embora recetivo à crítica construtiva, porque lhe permitia corrigir ou aperfeiçoar os seus métodos de trabalho, relativamente às críticas malévolas de alguns colegas preconceituosos, Stevenson, numa palestra proferida na “Southeastern Louisiana University”, em 1989, não se coibiu de comentar: «Para mim, tudo em que os cientistas acreditam agora, está aberto a mudanças, e eu fico consternado ao perceber que muitos aceitam o conhecimento atual como algo imutável (...) Se os hereges pudessem ser queimados vivos nos dias de hoje, os cientistas – sucessores dos teólogos, que queimavam qualquer um que negasse a existências das almas no século XVI – hoje queimariam aqueles que afirmam que elas existem».

O testemunho de Tom Shroder revelou-se igualmente precioso, por ter convivido de perto com o cientista canadiano nas diversas viagens que efetuaram por vários países do mundo. Numa entrevista conduzida pelo jornalista e investigador brasileiro Gilberto Schoereder, Tom Shroder confessa que não imaginava «como seria afetado emocionalmente, se (...) fosse obrigado a concluir que não havia uma explicação normal para tudo

que as crianças estavam dizendo e fazendo», comentando a seguir que «os mistérios do mundo são muito maiores do que aquilo que conhecemos».

Referindo-se aos inúmeros casos investigados por Stevenson, o autor de “Almas Antigas” não deixa de observar que essas ocorrências «fornecem relatos específicos sobre um passado recente (...) em que crianças bem jovens fazem muitas afirmações específicas sobre nomes, lugares, datas e eventos que batem com a vida de uma pessoa recém-falecida e comprovadamente estranha à família daquela criança».

Nessa entrevista é descrito um acontecimento extraordinário, como muitos outros estudados por Ian Stevenson e que foi presenciado por Tom Shroder numa viagem que ambos fizeram à Índia. Tratava-se de uma investigação sobre uma menina chamada Preeti que, quando aprendera a falar, dissera aos irmãos que a casa era deles e não dela e, referindo-se aos progenitores, que eles não eram seus pais, mas sim, pais deles. Depois, dirigindo-se à irmã, disse: «Você só tem um irmão, eu tenho quatro».

A seguir identificou-se com o nome de Sheila e indicou os nomes daqueles que considerava serem os seus pais, implorando para ser levada para a cidade de Loa-Majra, onde estes viviam. Os atuais pais ficaram espantados com o que ouviram, tanto mais que nunca estiveram nessa cidade. Não deram, porém, grande importância ao assunto.

Passados uns tempos – estava Preeti com quatro anos – uma mulher que era de Loa-Majra informou conhecer os pais de Sheila, confirmando que tinham perdido uma criança com esse nome e que ela havia sido atropelada mortalmente por um automóvel. Essa história, acrescida de outros fatos, acabou por ir parar à vila onde tinha vivido Sheila e aos ouvidos do então pai da criança, o qual decidiu visitar Preeti.

De acordo com o atual pai de Preeti, esta reconheceu de imediato o homem que a foi visitar e, posteriormente, outras pessoas da vila onde vivera anteriormente como Sheila. Respondendo à pergunta de como tinha morrido, Preeti disse: «Caí do alto e morri (...) Estava sentada à beira do rio. Estava a chorar. Não conseguia achar uma mamã, então, vim para você (referindo-se à atual mãe)». A afirmação de ter caído do alto deixou os investigadores intrigados, porquanto tinham informação de que Sheila tinha sido atropelada.

Quando Stevenson e Shroder passaram por Loa-Majra, tomaram conhecimento através de uma antiga notícia publicada sobre a morte da menina que esta, ao sofrer o acidente, foi projetada a mais de três metros de altura, circunstância que dava todo o sentido à expressão “caí do alto e morri”. Outro dado curioso é que a criança tinha uma marca de nascença na coxa, aparentemente no mesmo local onde Sheila tinha sido lesionada.

Stevenson sempre procurou ser cauteloso na forma de comentar ou de dar alguma opinião pessoal sobre os mais de 3.000 “estudos de caso” pesquisados, referindo-se-lhes como casos sugestivos de reencarnação. Essa prudência justifica-se pela forma rigorosamente profissional com que fazia o seu trabalho, vinculando-se exclusivamente à pesquisa minuciosa e objetiva, própria de um cientista que não se deixa contagiar pelo entusiasmo, mas que investiga, analisa e apresenta fatos.

Um texto no “Journal of Scientific Exploration” revela um pouco da opinião desse grande vulto da Ciência sobre uma área que lhe ocupou a maior parte da vida: «Todos nós morremos de alguma doença. O que determina a natureza dessa doença? Acredito que a busca da resposta (...) pode derivar, pelo menos em parte, de nossas vidas passadas. Os casos de crianças que afirmam lembrar-se de vidas passadas e que descreveram

marcas e defeitos de nascença sugerem isso. Algumas dessas crianças relataram doenças internas». E remata esse artigo, admitindo, numa confissão humilde de quem tem, realmente, grande sabedoria: «Não deixe ninguém pensar que eu conheço a resposta. Ainda estou à sua procura».

Um outro conhecido investigador de casos de crianças com memórias de vidas passadas foi o Prof. Hemendra Nath Banerjee (1929-1985), diretor do “Departamento de Parapsicologia da Universidade de Rajasthan”, na Índia. À semelhança do seu colega canadiano Ian Stevenson, este investigador de origem indiana dedicou grande parte da sua vida à pesquisa de fatos relacionados com a reencarnação, chegando a catalogar três mil casos.

No seu livro “Vida Pretérita e Futura”, Hemendra Banerjee refere que passou mais de vinte e cinco anos a estudar casos de reencarnação em todo o mundo, tendo publicado vários trabalhos sobre esse assunto e que os fatos «são tão impressionantes, que agora a comunidade científica passou a considerá-los como dignos de pesquisa».

Ainda relacionado com essa obra, o autor garante que os casos descritos «não se baseiam no ouvir dizer nem em histórias de jornais». Fundamentaram-se em pesquisas realizadas com rigorosos métodos científicos e que os estudos sobre a reencarnação foram concebidos «à luz de várias hipóteses, tais como, a fraude, a captação de lembranças através de meios normais e a percepção extrassensorial».



## A morte: um ato de libertação

A psiquiatra suíça Elisabeth Kübler-Ross (1926-2004) celebrou-se pelos trabalhos de investigação sobre fenómenos supranormais e como escritora de inextinguível talento. Através dos seus livros e do trabalho maravilhoso que praticou como médica, ajudou com palavras de amor e de esperança milhares de doentes e familiares, aliviando a dor de muitas crianças com doenças terminais, seropositivos e idosos.

Voluntária nos campos de concentração na Polónia do pós-guerra viu-se confrontada naquele cenário de horror com situações de extremo sofrimento e que marcaram decisivamente a sua vida. O carinho e o sentimento fraterno que soube transmitir às pessoas que estão prestes a abandonar este mundo, assim como a mensagem consoladora de que a morte não é o fim de tudo, mas a passagem para uma vida melhor, tornaram-na mundialmente conhecida, sendo muito amada e admirada por todos os que a conheceram de perto e pelos milhões de leitores dos seus cativantes livros.

Um pequeno trecho de Elisabeth Kübler-Ross transmite-nos a ideia da morte não como algo terrífico, mas “como um ato de libertação”, uma reconfortante mensagem de esperança dirigida a pacientes terminais e seus familiares e amigos: «Depois de passar por todas as provas (...) podemos sair do nosso corpo (...) e ficarmos livres da dor, livres dos medos e livres das preocupações (...) voltando para casa, para Deus... Em um lugar (...) onde estamos com aqueles a quem amamos e cercados de mais amor do que jamais poderemos imaginar».

Na realidade, para Kübler-Ross, a morte é uma passagem para o renascer de uma vida mais feliz e, quando as pessoas lhe perguntam como é a morte,

responde que “é sublime” e que é “a coisa mais fácil que terão que fazer”. A autora acrescenta, a seguir, que a vida é como uma escola, em que se recebem muitas lições, pelo que é dura e nos obriga a lutar para sobreviver.

Esta psiquiatra de excepcional compaixão para com os enfermos de doenças incuráveis, publicou em 1969 o livro “Sobre a Morte e o Morrer”, uma obra ímpar no género e que a notabilizou mundialmente, dado constituir-se como uma referência indispensável para médicos e terapeutas que lidam de perto com pacientes irremediavelmente condenados. Nesse livro, Kübler-Ross refere um caso extraordinário que a deixou vivamente impressionada.

Uma certa Sra. Schwartz, que foi dada como morta durante 45 minutos de tentativas de reanimação num hospital, finalmente, manifestou sinais de vida e foi salva, tendo vivido mais um ano e meio. No decurso dessa curta existência, a Sra. Schwartz colaborou num ciclo de palestras dirigidas por Kübler-Ross e pelo reverendo Gaines na “Universidade de Chicago”, relatando para o público aí presente a pungente experiência que viveu.

Cerca de dez meses após o falecimento da Sra. Schwartz, a psiquiatra suíça – depois de uma conferência sobre “A Morte e o Morrer” – estava decidida a terminar com aquele seminário, discutindo esse assunto com o reverendo Gaines, colaborador nesse programa. Ambos encaminhavam-se para um elevador que o reverendo iria tomar, quando Kübler-Ross se apercebeu da presença de uma mulher, cujo aspeto lhe pareceu familiar. Assim que Gaines entrou no elevador, a mulher, descrita pela autora do livro como sendo “um pouco transparente”, abordou-a e perguntou se poderia acompanhá-la até ao seu gabinete de trabalho.

Nesse preciso momento, Kübler-Ross reconheceu a falecida Sra. Schwartz. Foi um tremendo choque que a deixou completamente desorientada,

indagando-se se não estaria a ser vítima de alucinações visuais, tal como alguns dos seus pacientes esquizofrênicos!

Numa cena totalmente surrealista – de indescritível espanto e confusão – Kübler-Ross encaminhou-se para o seu gabinete ao lado da Sra. Schwartz, uma velha amiga que já não fazia parte do mundo dos vivos... há mais de dez meses!

Segundo a psiquiatra suíça: «Este foi o passeio mais longo da minha vida (...) Eu até toquei na pele dela para ver se estaria fria ou quente, ou se a pele desapareceria quando eu a tocasse. Foi o passeio mais incrível que já fiz (...) Eu era tanto a psiquiatra observando, quanto o paciente».

Ao chegarem ao gabinete, a Sra. Schwartz disse a Kübler-Ross que estava ali para lhe agradecer, assim como ao reverendo Gaines, pela ajuda que lhe deram e, também, para pedir que não acabassem com o programa “A Morte e o Morrer”. Entretanto, ainda não refeita do choque, a psiquiatra tocava nos objetos mais próximos – na escrivaninha, na cadeira, numa caneta – como querendo certificar-se de que tudo aquilo era real.

«Eu estava esperando que ela desaparecesse», confessou a psiquiatra. «Mas ela não desapareceu. Ela lá permanecia e amorosamente disse: Dra. Ross, você escutou-me? Seu trabalho não está terminado. Nós ajudaremos você. Você saberá quando for a hora, mas não pare agora. Promete?».

Esforçando-se por superar o estado de perplexidade que tomara conta de si, perante uma situação de todo em todo inusitada, Kübler-Ross pediu à Sra. Schwartz que escrevesse umas linhas para o reverendo Gaines. Na verdade,

o que porventura mais desejaria naquele momento era uma prova para si própria, pois o que estava a acontecer ali, no seu gabinete, parecia-lhe absolutamente irreal. A estranha visitante concordou simpaticamente e escreveu um pequeno texto num papel. Depois, levantando-se, disse: «Dra. Ross, você promete» ao que Ross respondeu, «prometo». Dito isto, a Sra. Schwartz desapareceu, como que se volatizando no ar.

Ainda confusa com os incríveis acontecimentos vividos, a psiquiatra guardou o texto destinado ao reverendo e contou a vários amigos a insólita experiência que tinha acabado de passar.

A mensagem posteriormente entregue a Gaines dizia o seguinte: «Olá, vim aqui para ver a Dra. Ross. Uma das duas pessoas que está no topo da minha “lista”. A outra é você. Eu nunca acharei ou conhecerei alguém para tomar o lugar de vocês dois (...) estou em paz e em casa (...) você muito me ajudou». O pequeno texto terminava com um profundo agradecimento a Ross e a Gaines.

Naturalmente que este caso, vivenciado diretamente por Elisabeth Kübler-Ross, reforçou imenso a sua fé e deu-lhe enorme alento para prosseguir nos seus trabalhos de preparação espiritual para as pessoas que, em breve, iriam iniciar uma longa viagem para uma “outra vida, mais feliz”.

Esta psiquiatra suíça – que foi o ombro amigo e afetuoso de milhares de doentes terminais – converteu-se numa das mais reputadas cientistas de sempre a escrever, com sensibilidade e muito amor, mensagens consoladoras sobre a morte que, no dizer dela, é «simplesmente uma desfolhação do corpo físico, assim como a borboleta que escapa de seu casulo (...) É uma transição para um estado mais alto da consciência no qual você continua a sentir, a entender, a rir e a poder crescer».



## Experiências de quase-morte

Outro tipo de fenômeno supranormal que não deixa de surpreender a comunidade científica, e para o qual não há uma explicação plausível no contexto dos atuais conhecimentos da medicina, são as experiências de quase-morte (EQMs). Reportam-se a doentes e sinistrados em estado grave que, nos hospitais, recuperam inesperadamente as suas funções vitais, quando já eram dados como clinicamente mortos, como se, por milagre, regressassem à vida que pareciam ter deixado momentos antes.

Ao despertarem dessa inesquecível experiência, alguns “ressuscitados” referem ter entrado numa espécie de túnel longo e escuro de onde irradiava, ao fundo, uma luz muito branca. Nessa passagem, uns poucos chegaram ao final do túnel, sendo recebidos por um ou vários seres de intensa luminosidade, que transmitiam uma sensação de profundo bem-estar e serenidade, não sendo raros alguns doentes relatarem que foram acolhidos com grande amor por familiares falecidos, anjos e, até, pelo próprio Cristo.

Sem dor, nem medo, nem ansiedade, independentemente da gravidade da doença ou das lesões de que padeciam, e gozando de imensa paz interior, os visitantes que estiveram do “outro lado” não tinham nenhuma vontade de regressar quando se apercebiam, ou lhes era comunicado, que tinham de o fazer, pois ainda não era chegada a sua hora.

Aí, sentiam-se subitamente arrastados para o mundo físico – como num filme às avessas, mas rodado a grande velocidade – e regressavam ao corpo inerte, vendo à sua volta médicos e assistentes a lutar desesperadamente para o reanimar ou que já o davam como morto. Se o estado de saúde do doente se caracterizava por intensas dores, então elas retornavam,

acutilantes, à medida que o corpo ia readquirindo as suas funções e despertava dessa viagem maravilhosa, mergulhando novamente para a vida carnal.

O testemunho dos pacientes nessas ascensões astrais incluem, por vezes, detalhes que lhes seriam totalmente inacessíveis, como o fato de referirem que observaram do alto da sala o seu próprio corpo deitado na sala de operações, com médicos e enfermeiras em volta a empregarem meios de recuperação; dos diálogos travados entre eles; dos instrumentos usados e, o mais espantoso, da descrição pormenorizada de quartos, equipamentos e pessoas em diferentes pisos do hospital, precisamente à mesma hora em que o corpo jazia inconsciente no bloco operatório ou na sala de reanimações, fatos posteriormente comprovados por médicos e assistentes.

Quem passou por uma EQM reconhece, regra geral, que ocorreu uma profunda mudança na sua vida, tornando-se uma pessoa mais tranquila e desapegada das questões materiais e problemas do dia-a-dia e bastante mais inclinada a assuntos de natureza espiritual. Por outro lado, para essas pessoas, a morte deixou de significar uma fatalidade irreparável. Aperceberam-se que a “morte” – que conheceram de perto – não é mais do que a antecâmara da “verdadeira vida” que as espera do outro lado, quando chegar a hora de abandonarem o corpo físico e fluírem para o plano astral.

Um dos mais notáveis investigadores de EQMs, quando não o mais famoso, é o psiquiatra norte-americano Raymond Moody Jr. (1944), autor de diversos livros, sendo o mais conhecido a “Vida Depois da Vida”, publicado em 1975. Nessa obra, Raymond Moody relata dezenas de casos vividos por pacientes que, considerados clinicamente mortos, voltaram a viver e descreveram fatos surpreendentes, que demonstram que a vida continua para além da simples existência no mundo terreno.

Ainda na referida obra, o autor conclui que é habitual ocorrerem nove estágios diferentes numa EQM, nomeadamente, zumbido nos ouvidos, ausência de dor e sensação de paz, flutuar fora do corpo, viajar num túnel, elevar-se pelos céus, reencontrar familiares falecidos, deparar com seres espirituais, rever a própria vida como um filme rapidíssimo e, finalmente, sentir grande relutância em voltar à vida, em sobreviver, portanto.

O termo experiência de quase morte foi criado por esse investigador, cujos estudos e obras publicadas muito contribuíram para uma pesquisa mais alargada deste fascinante assunto e que mereceram o aplauso de conceituados médicos e cientistas, como Kübler-Ross e Brian Weiss, entre outros.

Conforme referiu Moody, nos diversos casos analisados, existem elementos comuns e que transcendem fronteiras, culturas ou conhecimentos académicos das pessoas que vivenciaram uma EQM, na medida em que tem recebido informações «de pacientes e médicos que estudaram inúmeros casos» similares. De acordo com esse psiquiatra, existem «antropólogos que encontraram EQMs em populações que nem sequer conheciam a escrita. As experiências eram muito parecidas com aquelas que são presenciadas nos prontos-socorros das grandes cidades» e tinham origem em países como a Índia, o Japão e a China, entre outros.

Igualmente dignas de interesse são as revelações publicadas no seu livro “Instantes da Eternidade”. Nessa obra, o autor refere que as experiências de quase morte são passíveis de serem partilhadas por outras pessoas no momento em que alguém, cuja morte se aguarda, expira o último sopro. O espírito de familiares ou amigos muito próximos – em certos e raros casos – também sai do corpo e, como se tivesse desencarnado, flui com a alma do defunto, acompanhando-o até ao limiar do “outro lado”, regressando depois ao seu corpo, vivendo aquilo que Moody chama de uma EQM partilhada.

Outra autoridade no campo das EQMs é a investigadora e escritora norte-americana P. M. H. Atwater (1937), com mais de 4.000 casos estudados, tendo ela própria passado, em 1977, por três experiências de quase-morte.

Com várias obras publicadas, entre as quais a referente à experiência que ela própria viveu (*I Died Three Times in 1977 – The Complete Story*), relata alguns fatos curiosos relacionados com indivíduos que passaram por uma EQM, nomeadamente, de curas instantâneas, como de «pessoas que, repentinamente, ficaram livres do cancro; [de] tumores cerebrais [que] desapareceram; [de] um homem com AIDS [que] emergiu da experiência sem um sinal da doença». Refere, ainda, que quem sobrevive a uma EQM passa «por uma transformação tão grande que ficam parecendo estranhos para aqueles que os conheciam antes; até as fotografias tiradas antes e depois podem mostrar essa diferença».

Ainda de acordo com Atwater, há importantes modificações fisiológicas por parte de quem passou por uma EQM, como, por exemplo, maior sensibilidade à luz e ao volume do som, melhoria nos processos digestivos e da saúde em geral e aumento de capacidades curativas por imposição das mãos, entre outros aspetos.



## Terapias de vidas passadas

Outro tema que tem merecido a atenção de vários investigadores é o tratamento de um largo espectro de enfermidades cujas causas remontam a pretéritas existências do paciente. O emprego dessas técnicas de cura – designadas por terapias de vidas passadas (TVPs) – tem permitido a muitos doentes libertarem-se de situações patológicas consideradas incuráveis, como fobias e dores de origem desconhecida, e que tiveram origem em traumas, doenças ou acidentes ocorridos em vidas anteriores.

O psiquiatra norte-americano Brian Weiss Ph.D. (1944), diplomado pela “Universidade de Medicina de Yale” é mundialmente conhecido como um dos mais conceituados investigadores em TVPs. A reencarnação, progressão a vidas futuras e imortalidade do espírito após a morte física são outras áreas a que este conhecido psiquiatra, pesquisador, palestrante e prolífero autor se tem dedicado.

Autor dos livros “Muitas Vidas, Muitos Mestres” e “A Divina Sabedoria dos Mestres”, entre outras obras de sucesso, Brian Weiss, por meio de técnicas de regressão – mediante hipnotismo e relaxamento – tem curado milhares de doentes que, pelos processos da medicina convencional, não conseguiam resolver os seus problemas de saúde.

Nas TVPs, o doente orientado pelo terapeuta, viaja pelo tempo e vê-se confrontado com a vívida recordação dos acontecimentos que deram origem a essas síndromes, normalmente mais associadas a situações de pânico e fobias relacionadas com mortes violentas ou com grande sofrimento.

Tal como numa terapia psicanalítica, a busca e a identificação das causas remotas que deram origem ao mal que afeta o paciente – retidas na memória do Espírito –, podem reduzir drasticamente os efeitos indesejáveis da doença e, na maioria dos casos, levar à cura total do paciente.

Na verdade, o doente, quando retorna de uma regressão – para a qual foi previamente hipnotizado – em que se viu confrontado com situações dolorosas de uma vida passada, fica geralmente liberto do medo ou da dor que o atormentava. É como se o fato de reviver esse acontecimento – pelo efeito de catarse – constituísse a chave para se desfazer desse trauma, remetendo-o para o passado como um assunto morto, sem importância, pelo que deixa de ter qualquer influência na vida atual do paciente.

As terapias de vidas passadas, no entanto, não devem ser usadas como instrumento de mero entretenimento, como algo que está na moda, ou seja, sem utilidade terapêutica. Essas técnicas – que devem ser praticadas por especialistas idôneos – apenas possibilitam o acesso a pequenos fragmentos de vidas anteriores e estão dependentes do consentimento das hierarquias espirituais, que analisam se a regressão é útil para o paciente.

Tal como Kardec admitia, em meados do século XIX, ainda bem longe do atual uso generalizado dessas terapias, «às vezes [o espírito], tem uma vaga consciência disso [das vidas passadas] e elas podem até mesmo lhe ser reveladas em algumas circunstâncias. Mas é apenas pela vontade dos Espíritos Superiores que o fazem (...) com um objetivo útil e nunca para satisfazer uma curiosidade vã»<sup>30</sup>.

Essa autorização para aceder a vidas passadas depende, naturalmente, dos compromissos eventualmente estabelecidos no programa reencarnatório do paciente, pois há moléstias que poderão ser cármicas, mais precisamente,

reportarem-se à expiação de faltas cometidas em vidas anteriores, pelo que o acesso a essas memórias poderá não ser permitido.



## Os sempre cétricos...

O conceito da sobrevivência do espírito e de que o amor é a energia pura do Cosmos – porque Deus é amor – tem atraído um número crescente de pessoas que buscam auxílio espiritual para os seus problemas ou uma resposta que as faça crer que a vida tem um significado mais profundo que a sua atual e curta existência.

É graças ao admirável trabalho destes dedicados investigadores que milhões de pessoas encontram consolo e esperança no coração, muitas vezes devassado pela dor, pelo desalento, pela doença ou pela irremediável perda de entes queridos.

Naturalmente que esta perspectiva redentora – a imortalidade do espírito – alicerçada não apenas na fé, mas na evidência dos fatos, continua a ser alvo da obstinada resistência de alguns intelectuais e cientistas avessos à renovação de seus modelos académicos.

Para esses irreduzíveis conservadores, recordemos as sábias palavras de Ian Stevenson, quando se lhes referiu: «Para mim, tudo (...) está aberto a mudanças, e eu fico consternado ao perceber que muitos aceitam o conhecimento atual como algo imutável».



## Uma Ciência mais espiritualizada

A evolução moral e intelectual do homem, em grande parte como resultado do nascimento de gerações espiritualmente mais evoluídas – como as crianças Índigo e Cristal e, mais recentemente, as crianças Arco-íris <sup>31</sup> – tem conduzido aos primeiros passos de uma investigação científica mais moderna e humanizada, facilitando um clima de aproximação entre Ciência e Religião, melhor dizendo, entre Investigação e Espiritualidade, porque Deus não vê diminuída a Sua Glória pelo fato do conhecimento humano ser cada vez maior em todas as áreas do saber, muito pelo contrário.

A própria Igreja Católica, através do Papa João Paulo II, na encíclica “Fé e Razão”, confirma não existir «contradição entre a verdade que Deus nos revela em Jesus Cristo e as verdades pela filosofia. Deus não tem nada a temer com a descoberta progressista dos segredos da natureza. Não existe oposição (...) mas uma complementaridade indispensável».

Na verdade, todas as prodigiosas descobertas do homem apenas confirmam a grandeza divina porque, a cada nova descoberta, novas questões se colocam ao cientista, e assim sucessivamente, já que o saber não tem limites e, muito menos, a onisciência do Criador.

Como admitiu Sócrates, há vinte e cinco séculos atrás, numa curta frase de muita sapiência e humildade: «Só sei que nada sei», em resposta ao Oráculo de Delfos que o reconhecia como o mais sábio de todos os homens, sendo que o citado filósofo afirmava que a sua «sabedoria estava limitada à sua própria ignorância».

Entretanto, as ciências não evoluíram apenas no conhecimento científico e tecnológico, mas também agregaram valores deontológicos, tendo-se criado uma nova cultura – a bioética – que orienta médicos, biólogos e investigadores científicos a assumirem um comportamento eticamente responsável na sua atividade profissional.

A par dessa tomada de consciência por parte dos investigadores, não deixam de ser surpreendentes as descobertas científicas das últimas décadas, nomeadamente na genética, na medicina, na psicologia transpessoal <sup>32</sup>, na biologia evolucionista, na astrofísica e, sobretudo, nas revelações de áreas científicas como a física quântica – que demonstra haver integração entre os fenómenos físicos e os espirituais.

Constituem acontecimentos revolucionários de enorme repercussão cultural, que têm vindo a criar no homem moderno, mais atento aos novos tempos, a consciência da sua real natureza e da existência de algo muito superior e que o transcende inteiramente, sendo cada vez maior o número de cientistas, físicos, médicos e filósofos que creem na existência de Deus e na imortalidade da alma.

É como se uma nova revolução do conhecimento humano começasse a integrar esses conceitos, tudo indicando que Ciência e Religião caminharão de braços dados nos desafios que o século XXI irá reservar a uma humanidade mais amadurada em conhecimento e espiritualidade.

Essa perspetiva é defendida no livro “A Linguagem de Deus” por um dos mais conceituados cientistas da atualidade, o norte-americano Francis Collins (1950), diretor do “Projeto Genoma Humano” e um dos responsáveis pelo mapeamento do ADN humano, que acredita ser «possível compreender as verdades fatuais sobre a origem do Universo e da vida e, ao

mesmo tempo, viver uma crença religiosa profunda», acrescentando que ambas se podem juntar «num todo harmonioso, cuja validade pode até não ser passível de prova como uma teoria científica, mas que tem uma base fundamentalmente racional».

Ainda no decorrer dessas páginas, Collins confessa que, ao cursar medicina, se via cada vez mais «surpreendido pela fortaleza espiritual das pessoas com uma crença, mesmo perante as piores tragédias». Mais adiante, esse famoso cientista conclui «que o nosso Universo, regido por leis finamente ajustadas e favoráveis à vida, poderia ser considerado a obra-prima de uma mente divina».

O rol de cientistas que aceita a existência de uma inteligência divina não para de crescer, contrariando a rígida postura de uma ciência materialista e de tradição ateuista. E, fato curioso, parece ser a própria Ciência que se tem vindo a encarregar, com as suas admiráveis descobertas, a dar crédito àquilo que, décadas atrás, classificava de superstições e mitos religiosos.

É o caso, entre muitos outros, do norte-americano Allan Sandage (1926-2010), um dos cosmógrafos mais influentes do século XX e que foi assistente do astrónomo Edwin Hubble. Após a morte desse famoso astrofísico, Allan Sandage deu continuidade ao seu programa de pesquisas. Alguns dos contributos mais notáveis que Sandage deu à Ciência foram o de calcular com grande precisão a idade do Universo e o valor da constante de Hubble.

Considerado um dos astrónomos mais respeitados da comunidade científica, Allan Sandage era um ateu convicto. Surpreendentemente, converteu-se ao cristianismo aos 50 anos de idade, pois, conforme veio a confessar: «Foi o meu trabalho que me levou à conclusão de que o mundo é muito mais

complicado do que pode ser explicado pela Ciência. Só através do sobrenatural consigo entender o mistério da existência».

Mais adiante, interroga-se, por que razão «os elétrons têm todos a mesma carga e a mesma massa?», acrescentando que a Ciência apenas responde a questões do género «o quê?», «como?» e «quando?», mas jamais explica o «porquê?», por muito avançado que o conhecimento científico possa ser. Esse “porquê?” encontrou-o Allan Sandage na religião cristã.

O físico e escritor Paul Davies (1946) é outra figura mundialmente conhecida no meio científico. Possuidor de um invejável currículo académico, este investigador britânico tem sido homenageado com diversos galardões de prestigiadas instituições internacionais. Atualmente dedica-se à astrobiologia, cosmologia e teoria quântica de campos, sendo professor de Filosofia Natural na Macquarie University em Sydney e figura de destaque da “SETI – Search for Extra-Terrestrial Intelligence”, da Arizona State University, nos Estados Unidos.

Da sua vasta obra, o livro “A Mente de Deus”, Paul Davies analisa o percurso da ciência e da filosofia numa perspetiva histórica, acabando por concluir que tudo no Universo mostra intenção e consciência, pelo que, segundo o autor, «as leis da Natureza são engenhosas e criativas (...) A vida é apenas um aspeto disso. A consciência é outro. Um ateu pode aceitar essas leis como um fato bruto, mas para mim elas sugerem algo mais profundo e intencional».

Outro cientista de renome que defende que Ciência e Religião são diferentes aspetos da mesma realidade é o físico inglês John Polkinghorne (1930), um investigador com mais de duas décadas e meia de brilhante carreira como professor catedrático no departamento de Física de

Cambridge. Colega do célebre cosmólogo Stephen Hawking, este cientista foi presidente do prestigiado “Queens - College” de Cambridge. Abandonou a carreira acadêmica para se converter ao Anglicanismo, tendo sido posteriormente ordenado pastor.

Para este investigador, a física quântica e a matemática do caos, são teorias que demonstram que a imprevisibilidade existe em toda a Natureza, mas que esse fato não deve «ser interpretado como uma infeliz ignorância de nossa parte e sim como sinal de que os processos físicos são muito mais abertos do que a mecânica de Newton sugeria (...), [pelo que] existem outros princípios causais em ação, acima e além das trocas de energia que a física descreve».

Perante tão abundantes testemunhos de proeminentes cientistas que creem em “algo mais profundo e intencional” do que a simples matéria, não será difícil adivinhar que o futuro – já não tão distante – confirmará a bela predição do fisiologista francês Claude Bernard (1813-1878): «Tempo virá em que o sábio, o pensador, o padre e o poeta falarão a mesma língua»<sup>33</sup>.



# Os Carmas

## ❧ Capítulo II ❧

*A palavra carma – de origem sânscrita – representa um princípio de causalidade, em que uma ação gera sempre uma reação, quer na vida presente, quer numa futura reencarnação.*

*Trata-se de um conceito que integra diversas religiões do Oriente, nomeadamente o Hinduísmo, o Jainismo e o Budismo, tendo entrado posteriormente no léxico de correntes espiritualistas ocidentais, como a Teosofia <sup>34</sup>, a Umbanda e o Kardecismo, entre outras.*

Nas religiões e doutrinas reencarnacionistas sempre se entendeu que existe uma lei de causa e efeito, porque o que somos nesta vida é frequentemente resultado do que fizemos de bem ou de mal em existências passadas, umas mais recentes, outras mais distantes na escala do tempo.

A reparação dos erros é feita por meio das reencarnações, quando o espírito gerado num novo corpo físico regressa ao plano terrestre para procurar ressarcir-se das dívidas cármicas que atrasam o seu progresso espiritual.

Carmas e reencarnações, na realidade, são indissociáveis do ser humano enquanto criatura em evolução, pelo que só depois de aprender todas as lições – em que o amor e o perdão são a tónica dominante – e reparar os erros cometidos é que o espírito ficará liberto do retorno à carne e livre para, finalmente, ascender a planos mais elevados.

Até chegar a esse estado de pureza muitas reencarnações terão de ocorrer, grande parte no seio daqueles onde há questões mal resolvidas, para que os erros gerados no passado possam ser corrigidos em novas oportunidades de vida, o que nem sempre sucede da melhor forma.

É por esse fato que muitas das desavenças entre indivíduos de um mesmo grupo social – família, colegas de trabalho, vizinhos, etc. – estão mais relacionadas com questões que vêm de vidas passadas do que aquelas que, atualmente, parecem estar na sua origem. Ou seja, têm precedentes cármicos.



## Dívidas cármicas

A maioria dos espíritos quando reencarna procura fazê-lo junto daqueles que lhes são mais próximos, com quem já tiveram um histórico relacional, pelo que a tendência é agruparem-se em famílias que poderão ser ou não de sangue.

As ligações das famílias cármicas<sup>35</sup>, porque complexas e numerosas, implicam o cruzamento dos seus membros em várias reencarnações, sendo certo que nem todos estarão presentes na mesma época, no mesmo ciclo social ou no mesmo espaço geográfico. Se uns reencarnam no seio de grupos com os quais têm afinidade – por amor ou por quererem ajudar –, outros será por força de acordos assumidos no plano astral, nomeadamente para reparar erros do passado e desligarem-se dos carmas que impedem a sua evolução.

É o que sucede, frequentemente, quando ofendidos e ofensores entram num novo plano de vida para acertarem as suas contas, as quais, naturalmente, deverão ser resolvidas pela via positiva, isto é, pela reparação e reconciliação.

Esse fato, porém, exige uma reforma íntima que não está presente em muitas situações, nomeadamente quando a mágoa criou profundas feridas no coração de quem foi seriamente prejudicado. É comum, então, o ofendido alimentar ressentimentos e, caso não os supere pela via do perdão, há o sério risco de querer exercer essa cobrança, ou seja, de se vingar.

A tendência para esse “ajuste de contas” reflete-se, amiúde, no relacionamento problemático entre pessoas que têm laços de parentesco muito próximos.

Tomemos como simples exemplo dois irmãos, em que um deles, a irmã, maltrata o caçula a pretexto seja do que for. Injuria-o, trata-o com desdém, deprecia-o constantemente e, em certas circunstâncias, até parece odiá-lo. Consideremos, ainda, que os pais sempre demonstraram o mesmo sentimento de amor com os filhos, pelo que a hipótese da primogénita reagir por ciúmes é de excluir.

Então, de onde poderá vir esse rancor se, aparentemente, não há razões para semelhante comportamento? No contexto desta vida, na verdade, nada parece justificar esse fato, mas muito do que passamos agora é, normalmente, fruto da sementeira que fizemos no passado.

De um passado cujas raízes podem remontar a épocas distantes e reportarem-se a vidas precedentes mal resolvidas. Seria o caso do citado exemplo: a irmã mais velha foi a infeliz companheira de um marido bruto e libertino – o atual irmão mais novo –, que infernizou a vida da pobre esposa, quando a deveria ter amado e protegido.

Nesta reencarnação, essa mulher reencarnou como irmã do antigo marido, para que ambos tivessem oportunidade de sair de um processo cármico que, provavelmente, já contaria com anteriores vidas conflituosas.

Se a ideia era a libertação cármica do antigo casal – mediante uma nova relação que tinha condições para ser fraterna, como é suposto suceder entre

irmãos –, essa intenção frustrou-se, já que, no foro íntimo da antiga mulher persistiam sentimentos de revolta, de velhas contas a cobrar... pelo que o amor, mais uma vez, cedeu ao rancor.

É no seio de um grupo social mais restrito, geralmente unido por laços de sangue, que a maioria dos espíritos procura solução para os seus problemas de ordem cármica, sendo que alguns deles têm históricos muito tristes.

Há casos bastante delicados, como o revelado pelo Espírito São Agostinho, na obra “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Alan Kardec. São Agostinho fala-nos das inquietações de um espírito que pretende nascer numa determinada família, onde existe uma séria questão cármica com um dos seus futuros pais.

Um espírito quando desencarna, explica-nos São Agostinho, «leva consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza e se aperfeiçoa no espaço, ou permanece estacionário, até que deseje receber a luz. Muitos, portanto, se vão cheios de ódios violentos e de insaciados desejos de vingança», outros, pelo contrário, quando mais adiantados espiritualmente, têm oportunidade de avaliar «as funestas consequências de suas paixões e são induzidos a tomar resoluções boas. Compreendem que, para chegarem a Deus, uma só é a senha: caridade. Ora, não há caridade sem esquecimento dos ultrajes e das injúrias; não há caridade sem perdão, nem com o coração tomado de ódio».

Quando a esses espíritos lhes é dada a possibilidade de superar essa ferida pela via do amor e do perdão, de início se revoltam com essa ideia, pois «amarem [aqueles] que lhes destruíram (...) os haveres, a honra, a família», é uma empreitada muito difícil de aceitar, quase impossível. No entanto, se

decidirem que esse é o caminho certo, «oram a Deus [e] imploram aos bons Espíritos que lhes deem forças, no momento mais decisivo da prova».

Que prova é essa? É de todas as provas, a mais difícil, mas também é a que mais rapidamente pode pôr termo a mais vidas perdidas em inimizades e inútil sofrimento: reencarnar no seio da família que se odeia. Então, decidido a fazê-lo, «após anos de meditações e preces, o Espírito se aproveita de um corpo em preparo (...) e pede aos Espíritos (...) para ir preencher na Terra os destinos daquele corpo que acaba de formar-se».

Ao reencarnar, interroga-se São Agostinho, «qual será o seu procedimento na família escolhida?», sendo ele próprio a responder, «dependerá da sua maior ou menor persistência nas boas resoluções que tomou. O incessante contacto com seres a quem odiou constitui prova terrível, sob a qual não raro sucumbe, se não tem ainda bastante forte a vontade. Assim, conforme prevaleça ou não a resolução boa, ele será o amigo ou inimigo daqueles entre os quais foi chamado a viver».

Compreende-se, então, que o repúdio instintivo e as manifestações de ódio por «parte de certas crianças e que parecem injustificáveis», sem que nada possa estar na sua origem, têm como causa fatos que se reportam ao passado, um passado que ocorreu numa outra vida, naturalmente.

O citado Espírito de Luz apela seguidamente para que compreendamos «o grande papel da Humanidade [porque] quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir; inteirai-vos dos vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar de Deus essa alma; tal a missão que vos está confiada e cuja recompensa recebereis, se fielmente a cumprirdes. Os vossos cuidados e a educação que lhe dareis auxiliarão o seu aperfeiçoamento e o seu bem-estar futuro. Lembrai-vos de que a cada

pai e a cada mãe perguntará Deus: Que fizestes do filho confiado à vossa guarda?».

Seguidamente faz um sério aviso a esses pais que não foram zelosos, referindo que se um filho se «conservou atrasado» por culpa deles, terão «como castigo vê-lo entre os espíritos sofredores, quando [deles] dependia que fosse ditoso». Então, atormentados pelos remorsos, esses pais imploram por outra reencarnação conjunta com a do filho, para se ressarcirem dessa falta e cumprirem com carinho e afetividade esse relacionamento, o qual será retribuído pelo amor do filho.

Para a mãe que se sente rejeitada pelo filho, São Agostinho explica que nada é feito por acaso e que «um ou outro já odiou muito, ou foi muito ofendido», mas «que um ou outro veio para perdoar ou para expiar».

Sentimentos de ódio, ciúme e vingança, apenas atrasam a nossa evolução espiritual e acarretam vidas muito dolorosas. Para quê sofrer e alimentar ressentimentos, quando o caminho é e sempre será o do amor e do perdão?

Quantas pessoas que fazem parte do nosso atual ciclo afetivo – mesmo aquelas que mais amamos – não terão sido, em existências anteriores, uns simples desconhecidos, umas pessoas repulsivas ou mesmo uns perigosos adversários?

E em futuras reencarnações, então, será que o inimigo de hoje poderá vir a ser o bom amigo de amanhã ou, até mesmo, a mulher que nos vai dar à luz?

O conhecido monge tibetano Dalai Lama, numa das suas preleções, referiu que todos nós «renascemos muitas e muitas vezes e (...) é possível que todas as criaturas tenham laços familiares entre si».



## Temos memórias cármicas?

Ao reencarnamos, as memórias de vidas passadas deixam de fazer parte do nosso conhecimento<sup>36</sup>, nem mesmo os episódios mais afortunados ou os de maior sofrimento constituem exceção. Ficamos limpos de toda a informação consciente, sendo que esses dados permanecem arquivados na memória do nosso Espírito, mas são-nos vedados enquanto vivermos no mundo físico.

Na realidade, como encarnados, seria extremamente constrangedor termos à nossa disposição toda essa gigantesca informação, além de a mesma passar a exercer uma influência tão grande no nosso livre-arbítrio, que este deixaria de ser um instrumento livre das nossas decisões.

Sendo assim, como é possível ter simpatia ou antipatia por alguém que nunca nos fez nem bem nem mal? E que mal conhecemos? E se essa pessoa nos ajudou ou prejudicou numa vida do passado, como se pode ter agora, nesta vida, consciência desse fato?

Consciência desse fato não temos, mas reagimos instintivamente, impelidos por uma espécie de intuição que se manifesta em determinadas circunstâncias, nomeadamente no tipo de sentimentos que certas pessoas nos inspiram.

Essa intuição avisa-nos quando há cruzamentos de vidas com pessoas com quem temos um histórico relacional, que tanto poderá ser amigável como litigioso. É bom lembrar que, como seres humanos em permanente evolução, tivemos inúmeras vivências, sendo que, em algumas delas,

também cometemos ações pouco ou nada abonatórias e que ainda não foram reparadas.

Daí, o elevado risco de nos depararmos em qualquer momento com um cobrador cármico e sermos apanhados de surpresa se essa intuição não funcionar ou, o que é mais provável, não lhe dermos a devida atenção.

O nosso passado – e a subsequente matéria cármica das nossas ações – está presente nas mais diversas circunstâncias da nossa vida. No entanto, não se pode inferir que todas as situações boas ou más que se nos deparam no dia-a-dia têm origem cármica.

Na verdade, muitos dos problemas que nos afetam, resultam de atos que nós praticamos agora, nesta vida, sendo que alguns deles poderão gerar contas a regularizar noutras reencarnações, ou seja, de novos carmas.



## Os mortos não dormem...

Não havendo progresso moral que elimine os débitos pendentes, é quase certo que credores e devedores se voltem a encontrar em futuras reencarnações. Isto, numa forma linear, pois nem sempre as reencarnações ocorrem em tempos de vida coincidentes.

Existem, por conseguinte, sérias hipóteses do espírito perseguidor não reencarnar na mesma época daquele que é objeto do seu ódio e perambular pelo mundo imaterial por muito tempo, podendo tornar-se um obsessivo deveras perigoso, agindo em todas as áreas da vida do encarnado.

Na realidade, não é com a morte física dos nossos inimigos que nos libertamos da sua perseguição, já que a maioria dos casos de obsessão ocorrem com o seu desencarne, pois «o espírito mau espera que aquele a quem quer mal esteja encerrado em seu corpo, e assim menos livre, para mais facilmente o atormentar <sup>37</sup>».

Como os mortos não dormem, estará sempre pronto a prejudicá-lo – provocando intrigas e despertando ódios – nas relações conjugais, nos negócios, na roda de amigos e familiares e, conseqüentemente, na própria saúde física e mental do obsidiado.

Há casos de espíritos vingativos que, errando no submundo da crosta extrafísica, são perseguidores implacáveis – durante séculos –, tornando-se verdadeiras maldições nas diversas reencarnações que a vítima ou os seus familiares venham a ter.

E tudo isto, por quê? Porque as paixões humanas, como o ódio e os desejos de vingança, “falam mais alto” do que os sentimentos elevados que nos regeneram. Enquanto esses apegos existirem como máculas inferiores, as pessoas envolvidas nessas tramas não conseguem sair de um ciclo de constante sofrimento, arcando muitas vezes com planos de vida difíceis e sem qualquer progresso espiritual.

Para os obsessores que, movidos por vingança, preferem vaguear nas dimensões sombrias do Astral como algozes enraivecidos, o quadro não será melhor. Sofrem com o ódio que os alimenta, num ilusório gozo doentio de torturar quem perseguem, sem jamais se sentirem saciados e, muito menos, aliviados. Apenas acrescentam débitos às suas já sobrecarregadas contas cármicas.



## A força do perdão

A maioria dos problemas, se não mesmo todos, resolve-se pela via do perdão, mas do perdão dado com sinceridade. O perdão também é um meio poderoso que abre numerosas portas, como as da alegria e felicidade na nossa vida carnal, porque perdoar é tornar o nosso coração mais puro, mais liberto e disseminar sementes de amor, que poderão germinar, crescer e dar bons frutos...

Pelo contrário, remoer uma vingança como uma fixação doentia, além de nos tornar infelizes e de ser um potencial agente de nefastas patologias, apenas serve para afastar os nossos protetores espirituais e criar perigosas frestas que atraem energias negativas e toda a casta de obsessores, fato que nos poderá levar à prática de atos condenáveis de que nos viremos a arrepender, como é o caso de se procurar fazer “justiça” com as próprias mãos.

Perdoar, então, é lavar a alma de sentimentos de revolta, de vingança e de ódio. É distanciarmo-nos emocionalmente da fervura que nos vai no sangue e reagir com mais serenidade relativamente às afrontas de que somos vítimas.

Se perdoar aos nossos inimigos é um ato de grande nobreza e de superação do nosso orgulho ferido, pedir perdão pelo que fizemos de errado – com verdadeiro arrependimento –, então, é algo de sublime, é um gesto de extrema humildade e de coragem perante aqueles que ofendemos.

Assumir essa postura com honestidade, além de nos valorizar espiritualmente, converte-se num escudo protetor contra as forças do baixo astral, porque deixamos de ser um alvo fácil das suas investidas, sobretudo daqueles que, quando desencarnarem, não terão fundamento moral para nos importunar.

O perdão e o arrependimento são um forte entrave à atuação de “cobradores por conta própria”, na medida em que a regra de perdoar para ser perdoado é um princípio sagrado, tantas vezes apregoado por Jesus Cristo no seu apostolado de Luz, fato que não facilitará a espíritos transviados a prática impune de vinganças. Tal como nos ensinou esse maravilhoso Mestre há dois mil anos nesta sublime oração consagrada ao nosso Pai: «Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos ofendeu».

Se Deus, na Sua infinita bondade, nos pode perdoar, quem é que se Lhe pode opor? Há alguma força que possa evitar a Sua proteção?

Sim, na verdade, há... apenas nós próprios, porque se Deus nos deu o livre-arbítrio para decidirmos as nossas escolhas, é pelas escolhas erradas que sofremos e damos entrada às forças trevosas.

É na negatividade dos nossos pensamentos e nas atitudes reprováveis, tantas vezes alimentadas por orgulhos mesquinhos, que reside esse risco. Logo, é fundamental que perdoemos a quem nos ofendeu e peçamos perdão pelas nossas faltas, ainda vivos, porque, como nos lembrou um Espírito de Luz<sup>38</sup>: “ninguém está de malas aviadas p’ra partir”...

A morte não se faz anunciar e, por via desse fato, não estamos preparados para o desencarne. Aproveitemos, então, e vamos perdoar a quem nos ofendeu e pedir perdão pelas nossas ofensas... sem demora, pois nunca se sabe quando é a hora de partir!



## Todo o delito é cobrado

Quando se cometem faltas geram-se dívidas que, por maiores ou menores que sejam, terão de ser ressarcidas nesta vida ou em futuras encarnações.

De acordo com Allan Kardec, no livro “O Céu e o Inferno”, a «reparação [das faltas] consiste em fazer o bem àqueles a quem se havia feito o mal. Quem não repara os seus erros numa existência (...), achar-se-á numa existência ulterior em contacto com as mesmas pessoas», de tal forma que terá de mostrar arrependimento e compensar o mal que lhes fez, por igual bem que lhes terá de fazer. Nisso consiste a Justiça Divina pela qual se pautam as leis do carma.

Nem todas as faltas, porém, provocam danos a terceiros, isto é, não criam vínculos cármicos com outras pessoas. São faltas que podem resultar de comportamentos errados, como no desrespeito pelo meio ambiente – poluindo-o – ou na falta de amor com os animais – maltratando-os –, entre outras condutas impróprias de um ser civilizado.

No entanto, é mais comum essas faltas estarem relacionadas com o incumprimento do encarnado face a determinados objetivos do seu plano reencarnatório, tais como não ser caridoso quando devia ser bondoso, ser ingrato quando devia ser grato ou ser orgulhoso quando devia ser mais humilde, entre outras mudanças necessárias para o seu aperfeiçoamento moral.

Nenhum ato errado mantém-se impune – sem reparação – e enquanto o infrator não aprender as lições que a vida lhe proporciona e delas retirar

proveito, como arrepender-se pelo mal que fez e procurar corrigir os seus erros, a tendência será para ter vidas mais sofridas.

Compreende-se, então, que uma determinada pessoa lesada por outra possa vir a perdoá-la – fato meritório e de grande elevação moral –, mas esse gesto poderá não evitar que o transgressor fique liberto do castigo que lhe é devido, porque é pelos erros e pelas lições que se aprende... Mas será que ele aprendeu? Reconheceu que agiu mal ao ter prejudicado essa pessoa? Demonstrou arrependimento e procurou corrigir esse erro? Provavelmente, não...

A justiça do homem também é um meio pelo qual pode ser executada a cobrança cármica. Quando um crime é cometido, seja qual for a sua natureza, produz-se um dano que requer reparação. Sendo o delito descoberto e o criminoso condenado, a pena já por si pressupõe uma forma de expiação, que pode anular ou reduzir essa dívida, mas tudo depende das circunstâncias e sempre que haja arrependimento.

Essa avaliação, assim como as demais relacionadas com os carmas, é feita pelo Conselho Cármico – também designado por Assembleia Cármica –, um órgão formado por espíritos altamente evoluídos a quem Deus confiou a nobre missão de reger o progresso espiritual da humanidade, assim como das questões relacionadas com as consequências favoráveis ou desfavoráveis da nossa conduta quando encarnados, entre outras importantes competências.

As leis do homem, no entanto, são imperfeitas, pois nem sempre conseguem evitar que os delinquentes mais poderosos – apoiados por astutos advogados – escapem às malhas da justiça e continuem livremente na senda do crime. Outros delitos, a maioria deles horrendos, são cometidos

com extrema frieza e sem que jamais se descubram os seus autores. Infelizmente, não é uma situação incomum, nomeadamente nos casos de rapto, estupro e assassinato, por exemplo.

O clima de impunidade que muitos criminosos julgam ter, por sempre escaparem da justiça – ludibriando os tribunais ou não deixando rasto –, é um erro grosseiro em que incorrem, pois nada escapa ao crivo da Justiça Divina, pelo que serão punidos no momento certo, provavelmente quando desencarnarem e tiverem de prestar contas no “outro lado”.

Aí, nesse plano espiritual, não existem falácias, nem artimanhas, nem segredos, nem poderosos, nem compadrios, porque «Deus, em Sua infinita misericórdia estabeleceu na morte o grande nivelador universal», conforme declarou numa sessão kardecista um espírito de elevada hierarquia <sup>39</sup>, ao comentar o clima de preconceito racial aí manifestado.

Na verdade, é depois da vida carnal que são avaliados os méritos e desméritos de cada um de nós e, naturalmente, aqueles que tiverem um défice cármico muito grande, sofrerão punições mais pesadas, quer no plano astral, quer no plano físico, ao reencarnarem.

Nem todos, porém, vão reparar os seus erros numa próxima reencarnação. Algumas almas arrependidas, que querem progredir e redimir as suas faltas, podem ser autorizadas a trabalhar no mundo espiritual, se o doutrinamento a que forem submetidas em centros próprios do Astral oferecer suficientes garantias de reabilitação.

Como “nada é por acaso”, os trabalhos de caridade promovidos por esses espíritos incluem, frequentemente, proteção e auxílio àqueles que foram suas vítimas ou, na falta destes, aos seus familiares, cumprindo-se assim, as leis do carma, não pela via do sofrimento, mas pela via da compensação, entendendo-se, no entanto, que qualquer uma dessas vias é sempre de reparação, desde que haja sincero arrependimento por parte do infrator e vontade de progredir.

O arrependimento e a conversão são a chave da salvação – entenda-se, da evolução espiritual –, conforme a parábola de Jesus Cristo aos pecadores e publicanos <sup>40</sup>: «há mais alegria no céu por um pecador que se arrependa do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento».  
(Lucas 15:7)

Outras situações, porém, requerem que o espírito para se ressarcir dos seus erros e retirar proveito das experiências por que vai passar, se veja forçado a cumprir parte da sua pena no plano extrafísico, mas em condições diferentes das que foram referidas.

Foi o que se passou com um desencarnado que incorporou numa sessão espírita em que participei.

Devido à natureza dos seus erros – não especialmente graves, mas necessitados desse tipo de corretivo –, esse irmão viu-se obrigado a trabalhar na limpeza astral de um terreiro umbandista.

Como resultado dos trabalhos dos médiuns e espíritos benfeitores na desobsessão dos consulentes que aí recorriam, assim como na remoção de

miasmas <sup>41</sup> e desmanchos de magia negra, entre outras infâmias perpetradas pela mente humana, eram exsudadas nessas sessões grandes quantidades de lixos e energias deletérias. Devido ao seu elevado grau de periculosidade, esses lixos tinham de ser recolhidos e despachados para locais apropriados.

Nessa penitência algo invulgar, esse espírito acabou por ser uma testemunha invisível nesse ambiente inquinado e, por vezes, no meio de criaturas imundas e de Quiumbas <sup>42</sup>, que aí ocorriam para pilhar restos de material infecto, como moscas varejeiras em volta de carne putrefacta. O infeliz lixeiro trabalhou sem cessar durante longos meses a fio, recolhendo resíduos tóxicos e fluidos astrais pestilentos, além de testemunhar o sofrimento das pessoas que aí ocorriam em busca de auxílio, o que, para esse pobre espírito, constituiu uma dura lição.

A experiência foi tão repugnante que, quando autorizado a sair desse meio atroz, procurou desesperadamente um médium de passagem <sup>43</sup>, implorando para ser transportado e cumprir o resto da pena longe daquele pesadelo.

Aí, nesses breves instantes em que aguardava a chegada de um Guardiã <sup>44</sup>, foi impressionante ouvir o desabafo exausto e doloroso desse irmão, devastado por tão amarga experiência em que conheceu de perto um dos piores lados da humanidade – o das pragas, demandas e bruxarias – e que, seguramente, jamais voltará a cometer erros que mereçam tão amarga lição, porque esta lhe serviu de emenda.

Neste caso houve colaboração do espírito ao aceitar o castigo com total resignação e dele tirar proveito, arrependendo-se, fato que o irá beneficiar numa futura encarnação.

No entanto, há almas infradoras que oferecem resistência às medidas que têm de ser aplicadas, como aquelas que recusam ser doutrinadas ou reencarnar para resgatar as suas dívidas. Nessas circunstâncias, naturalmente, fazem-no de forma compulsiva.

Outras criaturas que cometeram faltas graves e que se mostraram rebeldes no desencarne, são desterradas para as profundezas do Umbral – uma espécie de Inferno na concepção cristã – até ao dia em que lhes será permitido ter uma nova oportunidade para se redimirem, o que poderá levar décadas ou séculos de terrível sofrimento.

A região do Astral para onde será destinado um espírito e qual o acolhimento que lhe será dispensado, resulta da avaliação dos méritos e desméritos que teve na vida terrena – da sua contabilidade cármica –, fato que abre um infindável leque de possibilidades sobre o destino das almas que partem para os planos espirituais.



## Reencarnar por amor

O reencarne, por vezes, não é uma necessidade do espírito para se ressarcir dos seus carmas, podendo já estar liberto desse ciclo. Sucede que essa alma ao fazê-lo, poderá querer assumir um trabalho de grande importância na Terra, como missionário, por exemplo, ou para saldar dívidas cármicas de entes queridos, tendo nessas condições, normalmente, um período de vida relativamente curto.

É o caso que a seguir transcrevemos do livro “Muitas Vidas, Muitos Mestres”, do psiquiatra norte-americano Brian Weiss, quando por intermédio de Catherine, os Espíritos Mestres lhe transmitem esta mensagem: «O teu pai está aqui, e o teu filho, que é uma criança pequena, também. O teu pai diz que o reconhecerás porque o seu nome é Avrom, e a tua filha tem o seu nome. A sua morte também foi por causa do coração (...) Por amor [o teu filho] fez um grande sacrifício por ti. A sua alma está muito avançada... A sua morte expiou as dívidas dos seus pais».

O filho do Dr. Brian Weiss, de seu nome Adam, faleceu vinte e três dias depois de nascer com uma doença muito rara, deixando os pais dilacerados pela dor.

Anos depois dessa tragédia, através daquela comovente revelação, Brian Weiss veio a saber que o seu filho Adam e o seu pai Avrom estavam “vivos”, embora noutra dimensão – no plano espiritual – e que Adam se tinha sacrificado naquela encarnação para resgatar os carmas dos pais, num gesto de grande amor, próprio de um espírito muito evoluído.



## Resgatar todos os carmas

Sucedem, por vezes, que um ou outro espírito ao “negociar” os termos de uma nova encarnação, se proponha assumir um plano de vida bastante penoso, querendo libertar-se de todas as dívidas cármicas numa única existência, no propósito de abreviar ou acabar com futuros ciclos reencarnatórios e antecipar, deste modo, a sua caminhada para planos espirituais mais elevados.

Quando essa questão é colocada, as entidades responsáveis pelo planeamento reencarnatório analisam o caso e, se considerarem a empreitada arriscada, procuram demover o espírito desse propósito, alertando-o para o perigo de soçobrar nesse intento e sem qualquer vantagem para o seu desenvolvimento. Geralmente recusam esse plano, aconselhando-o a seguir caminhos menos turbulentos.

Outros casos, porém, quando relacionados com espíritos já bastante desenvolvidos e que desejam apressar o seu progresso espiritual – assumindo grandes sacrifícios numa próxima reencarnação – poderão ser autorizados a ingressar num novo plano de vida nessas condições. Trata-se de situações pouco comuns, pois sofrer tamanho martírio com total resignação e sem maldizer a sua sorte, não é desafio que possa ser superado por qualquer mortal.

Esse espírito ao reencarnar – tal como qualquer outro encarnado – deixou de ter conhecimento do que ficou negociado “para trás” – no plano espiritual –, restando-lhe umas vagas reminiscências de ordem intuitiva.

Vale-lhe, no entanto, uma natureza moral muito forte, mesmo estoica, quando o seu estágio evolutivo é bastante avançado, pelo que os padecimentos da carne que irá assumir ser-lhe-ão mais leves de suportar e o êxito do seu sacrifício mais garantido.



## Vidas cruzadas

Os novos planos de vida são, na maior parte dos casos, acordados entre as entidades de Luz que regem os carmas e o espírito que vai encarnar, considerando na mesma roda reencarnatória aqueles que já estão no plano físico e os que irão reencarnar posteriormente, quase sempre no seio da mesma família cármica em que há resgates a pagar, lições a aprender e trabalhos em conjunto.

Em épocas diferentes, por diversos caminhos e por maiores ou menores períodos de tempo, muitos farão parte da caminhada do novo ser. Outros se cruzarão com ele em vidas futuras.

O planejamento reencarnatório terá de ter tudo isso em conta, desde os projetos de vida de cada um dos intervenientes até às possíveis combinações daí resultantes.

Trata-se de um trabalho logístico extremamente complexo e que prevê grande diversidade de hipóteses, nomeadamente por força do livre-arbítrio, fator presente nos cenários projetados, os quais incluem, naturalmente, os objetivos que fazem parte dos planos de vida do futuro encarnado e que comportam, frequentemente, o reencontro com espíritos simpáticos.



## Espíritos simpáticos

O que são espíritos simpáticos? São as almas amigas e virtuosas que nos abeiram? Não, nem sempre, pois a simpatia deve ser percebida como afinidade. Segundo Kardec, os espíritos simpáticos «são os que se nos ligam por uma certa analogia de gostos e pendores [que] podem ser bons ou maus». <sup>45</sup>

Os espíritos, então, atraem-se por afinidade, por comungarem preferências e tendências que lhes são comuns, que tanto podem ser de cariz benigno como maldoso.

Os sentimentos bons e agradáveis, de natureza benigna, que temos com os espíritos simpáticos revelam-se pela identificação afetiva pelas pessoas com as quais nos sentimos bem, em sintonia, porque ficamos cativados pela sua presença, pela atmosfera de harmonia e confiança que esse convívio nos proporciona, podendo-se, assim, construir ou reforçar laços de profunda amizade.

O mesmo tipo de afeição está presente nos casamentos bem-aventurados – de muito afeto entre os cônjuges –, de grande cumplicidade e que prosseguem nesse clima carinhoso pela vida fora; nas relações de amizade e camaradagem entre dois amigos; ou, ainda, nas preferências que uma determinada mãe possa ter relativamente aos filhos, sendo mais apegada a uns do que a outros.

Estes são alguns exemplos de reencontros de encarnados que tiveram, em outras vidas, intensos laços afetivos. São almas simpáticas que se sentem

espontaneamente atraídas uma pela outra. Pode ser por amor, por amizade, por gratidão, por admiração ou por qualquer outro sentimento, desde que se traduza em profunda harmonia. Em suma, tem de haver boas vibrações, ao contrário dos espíritos antipáticos que deixam uma sensação de desconforto, de rejeição e até de mal-estar, porque não há qualquer tipo de afinidade.

Os sentimentos de afeição, confiança e plenitude, que são comuns nos espíritos simpáticos, não se podem confundir com emoções, como viver uma grande paixão.

Esses estados emocionais podem ocorrer no decurso de relações mais íntimas entre espíritos simpáticos, como fases ou percursos de uma mesma caminhada, mas não são um objetivo em si. O aspeto sentimental terá sempre de sobressair sobre as emoções, o que não levará muito tempo a revelar-se. O fogo da paixão apaga-se, o do amor perdura...



## Almas gêmeas

Inserido no grupo dos espíritos simpáticos vamos falar do que são almas gêmeas, um termo habitualmente conotado com a ideia de uma admirável história de amor, tão vivenciada por duas pessoas apaixonadas que, como num pacto sagrado, se voltam a reencontrar em futuras encarnações, num relacionamento tão ardente e tão longo como a duração do próprio tempo.

É uma ideia algo romântica, mas irreal, já que as almas gêmeas são espíritos que, quando encarnam, vêm cumprir em conjunto missões e trabalhos de ordem espiritual que assumiram no plano astral.

Vinculados por grande afinidade, esses espíritos podem ter uma relação muito próxima entre si, mesmo amorosa, é um fato, mas as almas gêmeas também surgem na vida do outro “par gêmeo” em diferentes situações e sob diversas formas, como primos, irmãos, amigos e, até, como simples desconhecidos que se poderão manifestar, mais cedo ou mais tarde, na longa marcha da vida.

A boa harmonia entre espíritos simpáticos que se amam ou que têm grande afetividade e partilham propósitos comuns, pode evoluir e convertê-los, também, em almas gêmeas, sendo possível essa união nascer no próprio mundo físico em que vivem, sem que tenha havido necessariamente um prévio compromisso no plano astral.

Quando as dificuldades da vida são superadas em conjunto, se eliminam dívidas cármicas e se desempenha um papel ativo na prática do bem e da

caridade, a utilidade desse trabalho poderá ir para além de uma existência física, propagando-se essa parceria em futuras reencarnações.

As almas gêmeas nem sempre são aos pares – como um casal ou dois amigos –, porque um indivíduo na mesma vida terrena pode ter compromissos com mais do que uma alma gêmea, embora as situações e as finalidades não tenham de ser obrigatoriamente idênticas. Não é tão invulgar como se poderia imaginar.



## Curas milagrosas

Muitas doenças do foro físico e mental, assim como deficiências congénitas ou surgidas ao longo da vida, devido a enfermidades ou acidentes, são muitas vezes de origem cármica, na medida em que podem ser formas de expiação.

É um fardo difícil que o encarnado terá de suportar e que, devido à fragilidade da sua saúde ou mesmo invalidez, condiciona a vida dos familiares e amigos mais próximos, provocando dor e pesar a todos e, quase sempre, obrigando-os a grandes sacrifícios. Essas situações relacionam-se, frequentemente, com compromissos assumidos pelos intervenientes no plano espiritual e que agora são repartidos na proporção dos seus carmas, sendo que para uns as dificuldades serão maiores, para outros menos duras.

Nessas condições de amargura e desespero, é natural que ninguém se conforme com o sofrimento do enfermo e dos que lhe estão mais próximos, na tristeza e privações por que estão a passar, pelo que, esgotadas as esperanças de cura, recorrem muitas vezes à religião e aos Santos a que são devotos, suplicando por auxílio divino, por um milagre que Deus, na sua infinita benevolência, possa vir a conceder.

Esses pedidos, feitos com extrema Fé e grande devoção, estão na origem de muitas curas milagrosas, libertando da morte ou da invalidez doentes considerados clinicamente incuráveis, sendo inúmeros os casos comprovados por testemunhos idóneos a que não faltam insuspeitos relatórios médicos. Em todas as culturas, em todas as religiões e em todas as épocas, sempre ocorreram fatos considerados milagrosos, isto é, de origem divina.

Para que a Espiritualidade Superior, que age em nome de Deus, venha a considerar um determinado tipo de cura, por exemplo, de uma doença terminal prevista no programa cármico de um encarnado, os eventuais “prós e contras” da regeneração dessa doença são cuidadosamente analisados pelo Conselho Cármico.

O referido conselho analisa com desvelo a situação do enfermo, sempre na perspectiva que lhe poderá ser mais favorável, avaliando se a cura não irá pôr em causa a sua evolução espiritual, eventualmente condicionada por carmas inegociáveis. Caso a doença seja cármica e a cura obrigue o indivíduo a recomeçar tudo numa vida futura, por força de dívidas que deveriam ser resgatadas agora – tornando a sua atual existência inutilmente produtiva –, quase certamente que não será curado.

Um caso curioso, porque relaciona esta questão com o próprio fundador da Umbanda – uma entidade de elevada hierarquia espiritual que utiliza a designação de Caboclo das Sete Encruzilhadas e que foi responsável por muitas curas milagrosas de cegos, paráliticos e de outros enfermos –, foi o fato do hino desta religião ter sido criado por um invisual, de seu nome José Manuel Alves, de origem portuguesa que, em 1929, se radicou no Brasil, na cidade de S. Paulo.

Tudo começou quando, no início dos anos sessenta, esse talentoso músico e compositor foi procurar ajuda para a sua cura na “Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade” onde trabalhava o Caboclo das Sete Encruzilhadas, entidade incorporada por Zélio de Moraes.

Relativamente a José Manuel Alves a cegueira era cármica – de natureza irrevogável – pelo que, nesse caso, a cura não seria possível. Este músico, entretanto, apaixonou-se de tal maneira pela Umbanda que criou o maravilhoso hino que, ainda hoje, continua a encantar todos os que o escutam.

Refira-se que José Manuel Alves se tornou um afamado compositor, escrevendo dezenas de músicas para intérpretes famosos, além de compor diversos hinos e pontos cantados para terreiros de Umbanda. Ingressou na banda musical do Exército brasileiro como regente de orquestra, tendo-se aposentado vários anos depois com o posto de capitão.



## O livre-arbítrio

Tem-se falado ao longo destas páginas da importância do livre-arbítrio na vida de cada um de nós. Na verdade, é através dele que traçamos o caminho que percorremos. Como sabemos, as decisões que tomamos se forem erradas, acarretam sofrimento e, até, carmas, que poderão ser cobrados nesta vida ou em próximas reencarnações. Se forem corretas, proporcionam uma existência mais tranquila e futuros planos de vida mais felizes.

Mas como avaliar se as decisões que tomamos são as melhores, sendo que o livre-arbítrio é como o leme de um barco, ao qual lhe falta o sentido do rumo certo? Podemos manobrar o barco para qualquer lado, mas será que o caminho que escolhemos nos vai levar a um porto seguro?

Certa vez, numa sessão espiritualista, o Espírito Vovó Maria Conga <sup>46</sup>, naquele seu jeitinho de vovó velhinha e humilde, mas cheia de amor e sabedoria, sussurrou-me com ternura: – «O Nosso Pai é muito bondoso, deu aos filhos a liberdade de escolherem o seu caminho...» – fez uma pequena pausa e concluiu – «...e ainda lhes deu uma “luzinha” para os guiar».

A “luzinha” – é fácil de perceber – é a nossa intuição, a nossa consciência ou o nosso Anjo da guarda, tanto faz, o importante é que se trata da revelação de uma sabedoria superior que, como um farol, alumia o caminho certo por onde devemos levar o nosso barco, desviando-o das sombras que escondem perigosos escolhos... No entanto, ocorre perguntar, quantas vezes não desprezamos essa “luzinha”, decidindo pelo lado errado – naufragando na ilusão e na dor –, quando sentíamos que esse não era o caminho certo, mas o outro, talvez menos fácil, mas necessariamente mais seguro?

Na obra “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec registra os comentários de Santo Agostinho que, entristecido pelos erros de um encarnado que protege, assim o repreende «Não te aconselhei isto? Entretanto, não o fizeste. Não te mostrei o abismo? Contudo, nele te precipitaste! Não fiz ecoar na tua consciência a voz da verdade? Preferiste, no entanto, seguir os conselhos da mentira!»

A “voz da verdade” foram os bondosos conselhos dados por esse Espírito de Luz e que o seu protegido não quis ouvir... esse apelo ao bom senso também é a maravilhosa “luzinha” anunciada pela vovó que, como uma bússola de navegação, nos habilita a dirigir o leme para chegarmos a bom porto, com poucos riscos.

Na citada obra de Kardec fala-se, ainda, da importância dos espíritos imperfeitos como instrumentos de avaliação, pois colocam à «prova a fé e a constância dos homens na prática do bem. Como espírito [é preciso] progredir (...) Daí o passares pelas provas do mal, para chegares ao bem. A nossa missão consiste em te colocarmos no bom caminho, [quando] sobre ti atuam influências más, é [porque] as atraís, desejando o mal; porquanto os espíritos inferiores correm a te auxiliar no mal».

Feitas estas recomendações, o referido Espírito acrescenta que, em compensação, os espíritos bons «também te cercarão, esforçando-se por te influenciarem para o bem, o que restabelece o equilíbrio da balança e te deixa senhor dos teus atos».

Como vimos, mais uma vez se apela para o correto uso do livre-arbítrio, ferramenta que Deus nos confiou e que, graças à “luzinha” e ao concurso

dos espíritos bons – quando os queremos ouvir – nos orientam na escolha de qual é o melhor caminho que devemos percorrer.

## **Bibliografia dos três volumes**

América Paoliello Marques e Wanda B. P. Jimenez, Espíritos Ramatís, Nikanor e Akenaton, “Mensagens do Grande Coração”

Antonio Jorge Thor, “Introdução e Teoria dos Elementais”

Alexander Moreira de Almeida, “Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas”

Allan Kardec, “A Gênese”

Allan Kardec, “O Céu e o Inferno”

Allan Kardec, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”

Allan Kardec, “O Livro dos Espíritos”

Allan Kardec, “O Livro dos Médiuns”

Archibald Joseph Macintyre, “Os Anjos, Uma Realidade Admirável”

Barbara Ann Brennan, “Mãos de Luz”

Barbara Bowers, “Qual é a Cor de Sua Aura?”

Brian Weiss, “A Divina Sabedoria dos Mestres”

Brian Weiss, “Muitas Vidas, Muitos Mestres”

Bruno Maureille, “Qu'est il Arrivé à L'Homme de Neandertal?”

Camille Flammarion, “L’Inconnu et les Problèmes Psychiques”

Carlos Torres Pastorino, “Técnica da Mediunidade”

Caroline Myss, “Anatomia do Espírito”

Claudio Zeus, “Umbanda sem Medo”

Charles Leadbeater, “O Plano Astral”

Charles Leadbeater, “Os Chakras”

Charles Leadbeater, “Os Espíritos da Natureza”

Doris Van Gelder, “O Mundo Real das Fadas”

Elisabeth Kübler-Ross, “A Roda da Vida”

Elisabeth Kübler-Ross, “Sobre a Morte e o Morrer”

Ernesto Bozzano, “Animali e Manifestazioni Metapsichici”

Fernando Frazão, “Lendas Portuguesas”

Francis Collins, “A Linguagem de Deus”

F. Rivas Neto, “Umbanda - A Proto-Síntese Cósmica”

Francisco Xavier e Heigorina Cunha, Espíritos André Luiz e Lucius,  
“Cidade do Além”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Ação e Reação”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Evolução em Dois Mundos”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Libertação”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Missionários da Luz”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “No Mundo Maior”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Nosso Lar”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Os Mensageiros”

Geoffrey Hodson, “O Reino dos Deuses”

Geoffrey Hodson, “O Reino dos Devas e dos Espíritos da Natureza”

Gilberto Schoereder, “Revista Espiritismo & Ciência, Volume 4”

Gilson Teixeira Freire, “Ícaro Redimido”

Hemendra Banerjee, “Vida Pretérita e Futura”

Hercílio Maes, Espíritos Atanagildo e Ramatís, “Mensagens do Astral”

Hermínio C. Miranda, “Diversidade dos Carismas”

Ian Stevenson, “Twenty Cases Suggestive of Reincarnation”

Iassan Ayporê Pery, “Umbanda - Mitos e Realidade”

James Van Praagh, “Conversando Com os Espíritos”

James Van Praagh, “Espíritos Entre Nós”

J. Felipe Alonso, “Diccionario de seres fantásticos”

Jorge Angel Livraga, “Os Espíritos Elementais da Natureza”

José Lacerda de Azevedo, “Energia e Espírito”

José Reis Chaves, “A Reencarnação na Bíblia e na Ciência”

Larry E. Arnold , “Ablaze – Spontaneous Human Combustion”

Leal de Souza, "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda"

Lee Carroll e Jan Tober, “As Crianças Índigo”

Léon Denis, “O Espiritismo e o Clero Católico”

Lobsang Rama, “Além do 1º Décimo”

Matta e Silva, “Umbanda de Todos Nós”

Matta e Silva, “Umbanda e o Poder da Mediunidade”

Narcí Castro Souza, “Projetando Luz - Um Guia de Aprendizado Espiritual”

Norberto Peixoto, Espírito Ramatís, “A Missão da Umbanda”

Norberto Peixoto, Espírito Ramatís, “Umbanda Pé no Chão”

Norberto Peixoto, Espírito Ramatís, “Vozes de Aruanda”

Norman Vincent Peale, “O Poder do Pensamento Positivo”

Orígenes de Alexandria, “De Principiis”

Paracelso, “Tratado das Ninfas, Silfos, Gnomos, Salamandras e de Outros Seres”

Paracelso, “Philosophia Occulta”

Paul Davies, “A Mente de Deus”

Platão, “Fédon”

P. M. H. Atwater, “I Died Three Times in 1977 – The Complete Story”

Raymond Moody Jr., “Instantes da Eternidade”

Raymond Moody Jr., “Vida Depois da Vida”

Reginaldo Prandi, “A Dança dos Caboclos”

Robson Pinheiro, Espírito Ângelo Inácio, “Tambores de Angola”

Robson Pinheiro, Espírito Ângelo Inácio, “Legião - Um olhar sobre o reino das sombras”

Robson Pinheiro, com a colaboração dos Espíritos Alex Zarthú e Joseph Gleber, “Energia”

Rubens Saraceni, Espírito Seiman Hamiser, “Génese Divina de Umbanda Sagrada”

Santo Agostinho, “Confissões”

Tereza Guerra, “Crianças Índigo e Cristal”

Tom Shroder, “Almas Antigas”

Vera L. Marinzeck de Carvalho, Espírito Patrícia, “Vivendo no Mundo dos Espíritos”

Zulma Reyó, “Guia Prático dos Chakras”

Capa

Layout do autor com imagens incorporadas da Pixabay

## Notes

[←1]

A Fénix é uma ave da mitologia grega que representa a imortalidade e o renascimento espiritual. Quando morria, o seu corpo ardia como um archote e, das cinzas daí resultantes, renascia uma nova Fénix.

[←2]

Entende-se como carma a relação entre uma ação e a reação que lhe é subsequente, porque não há um efeito sem uma causa. Nesse sentido, os carmas resultam de vidas anteriores mal resolvidas e que têm de ser reparadas em futuras encarnações.

[←3]

“Missionários da Luz” é um livro psicografado por Chico Xavier, através do espírito André Luiz, que relata as suas experiências numa colônia do plano espiritual em companhia de Alexandre, um espírito que o acompanha como guia e instrutor. Aí se programam as reencarnações dos futuros encarnados.

[←4]

Francisco Cândido Xavier (1910-2002), mais conhecido como Chico Xavier, nasceu em Pedro Leopoldo, em Minas Gerais, no Brasil. Foi um dos mais famosos médiuns do Brasil e um dos mais conceituados em todo o mundo. Psicografou mais de quatrocentos e cinquenta livros – muitos deles dos espíritos Emmanuel e André Luiz –, que ultrapassaram cinquenta milhões de exemplares vendidos. Chico Xavier nunca aceitou receber direitos de autor, doando essas receitas a instituições espíritas e filantrópicas.

[←5]

Segismundo, referido na obra “Missionários da Luz”, é um espírito que aguarda uma próxima encarnação.

[←6]

Erês ou Crianças são seres Encantados que na sua maioria nunca encarnaram nem vão encarnar, processando-se a sua evolução espiritual por outras vias que não a carnal. Também há Erês que tiveram origem no nosso mundo físico, desencarnando em idade infantil. As Crianças são maravilhosas entidades de Luz que trabalham na Umbanda para o bem e a caridade (ver nota 22).

[←7]

Extraído de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec. Allan Kardec (1804-1869), pseudónimo de Hippolyte Léon Rivail, de nacionalidade francesa, foi educador, autor de livros didáticos e escritor, tendo-se notabilizado como o Grande Codificador da Doutrina Espírita. São de sua autoria, entre outras obras, “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Céu e o Inferno” e “A Génese”.

[←8]

Livros Apócrifos são livros ou textos que a Igreja Católica não reconhece como pertencentes ao cânone bíblico.

[←9]

Livros Canônicos são livros ou escritos que estão conforme os cânones ou os dogmas da Igreja Católica.

[←10]

Esotéricos – São conhecimentos e práticas que não podem ou não devem ser divulgados aos não iniciados, sendo transmitidos apenas a um estrito número de discípulos.

[←11]

Texto da escritora norte-americana Elizabeth Clare Prophet (1939-2009), que foi médium, mística, professora e mensageira espiritual. Juntamente com o marido escreveu mais de 75 livros sobre carmas, reencarnação, psicologia espiritual, profecias, etc.

[←12]

Cérbero era uma figura da mitologia grega que se caracterizava por ser um monstruoso animal em forma de cão com várias cabeças. Era o guardião de Hades, o reino dos mortos. Deixava as almas entrar, mas não permitia que saíssem. Qualquer mortal que se arriscasse a entrar no Hades era espatifado por esse impiedoso guardião policéfalo.

[←13]

Na mitologia grega Érebo é um mundo sombrio, uma espécie de Inferno; na tradição bíblica Éden corresponde ao Paraíso.

[←14]

Iniciados – São sacerdotes, discípulos ou assistentes espiritualmente preparados para lidar com assuntos mágicos, esotéricos e religiosos, vedados aos leigos.

[←15]

Tradição animista – Culto religioso que considera que todos os elementos do Universo, da Natureza, dos seres vivos e dos fenômenos naturais têm vida e ânima (alma), pois são passíveis de sentimentos, emoções e inteligência.

[←16]

Psique (psyche, do grego) significa alma, mas também vida ou o princípio da vida.

[←17]

Pitagorismo – Doutrina da Escola Pitagórica fundada pelo filósofo e matemático grego Pitágoras (571/570 a.C.-497/496 a.C.), cujos membros – pensadores, profetas e matemáticos – manifestavam vocações místico-religiosas, assim como tendências científico-rationais. O pitagorismo teve grande influência no futuro platonismo e foi referência de antigas sociedades secretas que, ainda hoje, se inspiram nos seus princípios.

[←18]

Fédon – Trata-se de uma importante obra filosófica de Platão que, por meio de diálogos repletos de sabedoria, descreve as últimas horas de Sócrates, condenado a ingerir cicuta, um veneno extremamente letal. Através deste diálogo, Platão expõe as crenças do seu Mestre na imortalidade da alma.

[←19]

Excerto de uma entrevista do Rabino Leonardo Alanati, da Congregação Israelita Mineira (Brasil).

[←20]

Judeus chassídicos – Movimento do judaísmo ortodoxo que se preocupa mais com a espiritualidade através do misticismo, como o principal atributo da religião judaica.

[←21]

O Kardecismo ou Espiritismo, também conhecido como doutrina espírita, foi codificado por Hippolyte Rivail, que adotou o pseudônimo de Allan Kardec (1804-1869). É uma doutrina que explica muitos dos fenômenos relacionados com as manifestações de espíritos, sendo uma referência indispensável para os estudiosos das ciências espiritualistas. Entre outros aspetos, a doutrina espírita defende a imortalidade da alma, a crença num único Deus, o livre-arbítrio, a reencarnação e a lei de causa-efeito. A prática da caridade e a doutrinação de espíritos atrasados, são alguns dos objetivos desta doutrina que tem por base o Evangelho de Jesus Cristo. Mesa ou centro Kardecista é o local onde se realizam as sessões espíritas.

[←22]

A Umbanda foi anunciada em Niterói (Rio de Janeiro), em 14 de Novembro de 1908, pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas (designação adotada por esse Espírito de Luz), através do médium Zélio de Moraes, em obediência às instruções nesse sentido por parte do plano espiritual. A caridade, fraternidade e humildade, assim como os fundamentos do Evangelho de Jesus Cristo, são as linhas mestras pelas quais se rege esta religião, que integra e sincretiza o catolicismo, o espiritismo e diversas correntes religiosas afro-brasileiras e orientais. A Umbanda acredita na imortalidade da alma, num único Deus, no livre-arbítrio, nas reencarnações e nos carmas (lei de causa-efeito). Além das consultas, são feitos trabalhos de desobsessão, desmanchos, cura e passagem de espíritos desavindos para lugares próprios do plano astral. Ao local de trabalho onde é realizado o culto religioso chama-se terreiro ou tenda (ver nota 39).

[←23]

In “Portal do Espírito” ([www.espirito.org.br](http://www.espirito.org.br)).

[←24]

Pajelança – Designação que abarca diferentes manifestações religiosas dos povos indígenas brasileiros, caracterizada por rituais mágicos, evocações e culto da Natureza. Na Pajelança, um Pajé – chefe religioso ou curandeiro de tribos ameríndias –, contata os espíritos dos mortos e de outras entidades para a solução de problemas que afetam as populações ou as comunidades onde vivem.

[←25]

Citado de José Reis Chaves. Escritor, professor, espírita e palestrante, José Reis Chaves, de nacionalidade brasileira, estudou para padre na Congregação dos Redentoristas, tendo-se formado em Comunicação e Expressão na “Pontifícia Universidade Católica” de Minas Gerais. Como escritor renomado, é autor de “A Reencarnação Segundo a Bíblia e a Ciência”, “A Face Oculta das Religiões” e “Teologias em Conflito”, entre outras obras de assinalável sucesso.

[←26]

O ectoplasma é uma substância fluídica emanada pelo médium e que se pode manifestar ou não de forma visível, sendo necessário nas comunicações espíritas, nomeadamente nas incorporações e nos fenómenos de efeitos físicos, como na materialização. Essa espécie de geleia viscosa e esbranquiçada sai pelos orifícios do corpo do médium, como narinas, boca, poros e ouvidos. O ectoplasma é elaborado pelo nosso corpo etérico (também chamado de duplo etérico), que é uma cópia energética que reveste o corpo físico.

[←27]

Tratado de Metapsíquica – Uma obra que refere fatos e experiências psíquicas com descrições detalhadas, classificadas em fenômenos metapsíquicos objetivos (como a telecinesia e o ectoplasma) e subjetivos (como a telepatia, a clarividência, a clariaudiência e a xenoglossia).

[←28]

Fenómenos anímicos e mediúnicos – Os fenómenos anímicos são provocados pelo espírito do próprio encarnado e são mediúnicos quando existe intervenção de um ou mais espíritos desencarnados junto do médium.

[←29]

Xenoglossia – Capacidade que uma pessoa tem em falar uma ou várias línguas que lhe são totalmente desconhecidas, podendo, inclusive, ignorar a existência desses idiomas.

[←30]

O Livro dos Espíritos, Allan Kardec.

[←31]

Crianças Índigo – A geração destas crianças ocorreu com maior intensidade na década de 1980, em parte como resultado de correntes migratórias espirituais de mundos mais desenvolvidos que a Terra, tendo como missão abrir caminhos e reformular mentalidades preconceituosas. São crianças criativas, rebeldes contra os sistemas de valores de uma sociedade hipócrita e caracterizam-se, ainda, pela hiperatividade e grande capacidade física e intelectual. Por vezes são impulsivas.

Crianças Cristal – Esta geração corresponde a uma nova fase de colonização espiritual do nosso planeta, sendo essas crianças muito poderosas moral e intelectualmente. O principal objetivo destes seres maravilhosos que irradiam paz e amor e que começaram a encarnar nos princípios do século XXI – tendo algumas surgido antes –, é ajudar no progresso do homem, como parte da corrente evolutiva de mudança de mentalidades da humanidade para um mundo melhor.

Crianças Arco-íris – Correspondem à terceira geração de crianças especiais que encarnam no nosso planeta e que visam ajudar o homem a evoluir. Atualmente ainda há poucas Crianças Arco-íris no seio da humanidade. Estes seres, extraordinariamente dotados, são muito alegres e trazem harmonia e amor nas famílias onde nascem. Possuem grandes capacidades mediúnicas e o seu Espírito é muito elevado, pelo que o amor e a sabedoria são qualidades que lhes são intrínsecas.

[←32]

A Psicologia Transpessoal estuda estados de consciência que transcendem o conceito de “individual”, facilitando a pessoa a atingir níveis de consciência elevada (...) num encontro com as manifestações mais profundas de seu próprio inconsciente (...) A Psicologia Transpessoal é usada para o tratamento de neuroses, psicoses (...), um maior aperfeiçoamento pessoal (...), afetividade e criatividade da pessoa e tem sido aplicada na área de saúde mental, especialmente nos EUA e Europa (...) A Psicologia Transpessoal pode ser definida como a psicologia que estuda num contexto científico o mundo espiritual e através de suas práticas facilita o aperfeiçoamento psicológico e espiritual. (In: Associação Brasileira de Psicologia Transpessoal - Dr. Léo Matos, Ph.D).

[←33]

Pensamento de Claude Bernard, citado na obra “O Espiritismo e o Clero Católico”, de Léon Denis.

[←34]

Teosofia – Doutrina que procura sintetizar a religião e a ciência numa perspectiva filosófica. Sistematizada e apresentada ao mundo moderno por Helena Blavatsky (1831-1891) no final do século XIX – uma mística russa que associou o espiritismo e o budismo tibetano –, a Teosofia pretende assumir-se como repositório da sabedoria universal. Muitos dos seus conceitos são inspirados em princípios filosóficos e religiosos orientais. Para Blavatsky, “Teosofia é conhecimento divino ou ciência divina.”

[←35]

Famílias cármicas – São espíritos vinculados por compromissos cármicos e que podem provir das mais diferentes épocas e regiões.

[←36]

Esse esquecimento não impede que em certas circunstâncias, como nas TVP (Técnicas de Vidas Passadas), possa ser permitida a divulgação de alguns episódios de existências anteriores, apenas com fins terapêuticos e que sejam úteis no tratamento de traumas e doenças do paciente. Outros casos, também excepcionais, são os das crianças que morreram muito novas e que, na vida atual, têm recordações relacionadas com essa vida passada.

[←37]

“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec.

[←38]

Pai Joaquim de Angola, da falange dos Pretos-velhos da Umbanda. Estas entidades são maravilhosos espíritos de Luz que trabalham para o bem e a caridade. Calmos, pacientes, com extrema sabedoria, ajudam os consulentes a resolver muitos dos problemas que os levam aos terreiros.

[←39]

Declaração do Caboclo das Sete Encruzilhadas ao anunciar a fundação da Umbanda, numa sessão Kardecista em Niterói, Rio de Janeiro. Na referida sessão, esta entidade de elevada hierarquia espiritual, apareceu aos videntes com as vestes de um padre jesuíta – o padre italiano Miguel Malagrida, martirizado na fogueira em Lisboa, por ordem do Marquês de Pombal em 1761, sob a falsa acusação de ter feito parte da conspiração dos Távolas. Este sacerdote jesuíta distinguiu-se como missionário em terras brasileiras, junto de várias comunidades indígenas. Posteriormente, Miguel Malagrida, reencarnou como caboclo (índio brasileiro), tendo sido essa a sua última encarnação.

[←40]

Os publicanos eram cobradores de impostos do Império Romano, sendo odiados por judeus e fariseus. Alguns, como Mateus, converteram-se ao cristianismo e tornaram-se apóstolos. Jesus usou nas suas parábolas a figura dos publicanos, porque eram tidos pelo povo como pecadores.

[←41]

Miasmas ou Larvas astrais – São formas-pensamento malévolas ou obsessivas, geradas por ideias, sentimentos e estados emocionais levados ao extremo. De todas as larvas astrais, as mais perigosas são as criadas conscientemente e que são usadas como instrumento para a prática do mal.

[←42]

Os Quiumbas são espíritos atrasadíssimos que se comprazem na realização do mal. Perversos, intrigistas, falsos e astutos, são o que há de mais semelhante à ideia que os cristãos fazem do demónio.

[←43]

Médium de passagem ou de transporte, termo que designa um médium que incorpora um espírito para ser encaminhado, geralmente, para hospitais espirituais e campos de doutrinação.

[←44]

Os Guardiões são admiráveis combatentes que lutam contra as forças trevas, pelo que são uma espécie de polícia astral ao serviço das hierarquias espirituais de Luz. São eles que prendem e conduzem os espíritos atrasados para os campos de correção, ou seja, para os “lugares de que se fazem merecedores”, onde cada um é levado de acordo com o tipo de delito cometido.

[←45]

<sup>45</sup> Allan Kardec, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

[←46]

Vovó Maria Conga é um espírito muito querido dos umbandistas, sendo os seus conselhos valiosas pérolas de ensinamento, e o amor que tem pelos “filhos”, uma preciosa dádiva de carinho e consolação. Profundamente identificada com o amor e a veneração a Jesus Cristo, Vovó Maria Conga trabalha nas falanges dos “Pretos-velhos” da Umbanda e é um espírito que realiza maravilhosos trabalhos quando “o filho se faz merecedor”. Como todos os espíritos evoluídos, esta simpática “velhinha” prima pela humildade, sentando-se num modesto banquinho de madeira ou num toco de árvore para dar consultas.

